

## Os animais na *Crónica troiana*

Pedro Chambel<sup>1</sup>

Recibido: 09 de septiembre de 2019 / Aceptado: 31 de enero de 2020

**Resumen.** En la Edad Media, la presencia en textos literarios de animales solía ser portadora de signos, cuya decodificación permite una comprensión más completa de las narraciones. La creencia de que la naturaleza era una manifestación del poder creativo de la divinidad y que, como las Sagradas Escrituras, debía interpretarse en función de los símbolos presentes en ella, está en el origen de esta característica de las mentalidades medievales. En la *Crónica troiana*, una novela gallega del siglo XIV, los animales están presentes con significados que van más allá de la mera referencia textual: destacan las características principales de la obra, contribuyen a la caracterización de los personajes principales y sirven de pretexto para la introducción de varios episodios, como el tema del amor cortés. A lo largo del artículo descubrimos las funciones que los animales asumen en la narrativa, enfatizando cómo todavía está influenciada por la épica medieval.

**Palabras clave:** Literatura medieval; Simbología; Animales; Novela medieval; Naturaleza; *Crónica troiana*.

### [en] Animals in the *Crónica troiana*

**Abstract.** In the Middle Ages, the presence of animals in literary texts was usually bearer of signs, whose decoding allows a more complete understanding of the narratives. The belief that nature was a manifestation of the creative power of divinity and that, like the Holy Scriptures, was to be interpreted as a function of the symbols present in it, was the origin of this characteristic of medieval mentalities. In the *Crónica troiana*, a 14th century Galician novel, animals are present with meanings that go beyond mere textual reference: they highlight the main features of the novel, contribute to the characterization of the main characters and serve as a pretext for the introduction of various episodes, as the theme of courtly love. Throughout the article we discover the functions that animals assume in the narrative, emphasizing how it is still influenced by the medieval epic.

**Key words:** Medieval literature; Symbolology; Animals; Medieval novel; Nature; *Crónica troiana*.

**Sumario.** 1. Introdução. 2. Animais de transporte e de carga. 3. Mamíferos selvagens. 4. Aves. 5. Animais fabulosos. 6. Animais domésticos. 7. Gado. 8. Répteis. 9. Peixes. 10. Bestas e Animálias. 11. Conclusão. 12. Bibliografia. 13. Anexos. Anexo 13.1. Numero de citações dos animais na *Crónica troiana*. Anexo 13.2. Numero de citações dos animais por categorias na *Crónica troiana*.

**Cómo citar:** Chambel, P. (2020), Os animais na *Crónica troiana*, en *En la España Medieval*, 43, 67-99.

## 1. Introdução

Nos textos medievais, a representação textual dos animais transmite uma componente simbólico-alegórica, que apela à sua decifração pelos investigadores contem-

<sup>1</sup> Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa.  
pedrochambel@live.com.pt  
ORCID: 0000-0002-0976-7748.

porâneos. Na Idade Média, o mundo natural era entendido como um livro de origem divina que, à semelhança das Sagradas Escrituras, necessitava de ser lido em função do Criador, encontrando-se na origem de tal conceção, o pensamento agostiniano e o de autores da patrística grega, nomeadamente o de Orígenes. Deste modo, para o estudo dos textos que nos chegaram da época medieval, torna-se necessária uma análise das funções dos animais neles presentes, para uma mais completa compreensão das narrativas. Os animais eram então omnipresentes na vida dos homens, referindo Augusto de Carvalho Mendes que “eram tanto a força que revolvía o mais duro chão quanto o símbolo das mais altas realidades metafísicas e morais. Estavam nos campos ajudando os lavradores, estavam com os cavaleiros pelejando em guerras, estavam também nas catedrais pelas palavras dos pregadores e nos claustros pela imaginação dos contemplativos. Estavam também na literatura”<sup>2</sup>, como é o caso da *Crónica troiana*, um texto medieval galego do século XIV que se encontra no manuscrito 10233 da Biblioteca Nacional de Madrid. Trata-se da tradução mandada fazer por Fernan Perez de Andrade, o Bom, da versão castelhana de Alfonso XI<sup>3</sup>. Este último texto, segundo Ramón Lorenzo, é por sua vez também ele uma tradução de uma primeira versão galega em prosa do longo poema de Benoit de Sainte-Maure, o *Roman de Troie*<sup>4</sup>. Esta obra faz parte do ciclo que compõe a chamada Matéria da Antiguidade, pois os temas nela abordados dizem respeito à tradição clássica, narradas segundo o gosto, os costumes e as tradições medievais. O poema de Benoit começa com a demanda do toirão de ouro e finaliza com a morte de Ulisses. A temática insere-se assim na mitologia greco-latina e, no caso do manuscrito galego, em que faltam os oito primeiros fólhos, narra-se a partir da primeira destruição de Troia, os episódios que levaram ao cerco desta, e como ele se desenrolou, terminando com os regressos trágicos à terra natal dos principais heróis gregos.

Para iniciar o estudo das funções dos animais no texto fiz um levantamento do número de vezes que cada animal é citado, o que se encontra exposto no anexo nº 1 em ordem decrescente. Depois agrupei-os, tendo em consideração a sua relação com os humanos. Deste modo, considereei os animais de transporte e de carga, os mamíferos selvagens, os animais fabulosos, as aves, os animais domésticos, o gado e animais de pastoreio, os peixes e, por fim, as designações genéricas de “besta” e “animal”. O número de presenças de cada um destes grupos funcionais encontra-se exposto no anexo nº 2.

## 2. Animais de transporte e de carga

O grupo mais numeroso é constituído pelos animais de transporte e carga, que inclui o cavalo, o palafém, a azémola, o elefante, o dromedário e o camelo. Destes, o animal mais citado é naturalmente o cavalo, com uma margem muito superior aos animais seguintes, sendo mesmo mais de duas vezes mais citado que o conjunto dos restantes animais referidos na *Crónica*. Sendo os combates a situação mais comum da narrativa, e a que o autor dá mais atenção, e tendo em conta que estes se realizam segundo o modelo medieval, ou seja, os combatentes, empunhando espada e escudo,

<sup>2</sup> Mendes, “Os animais nas *Cantigas de Santa Maria*”, p. 16.

<sup>3</sup> Lorenzo, “*Crónica troiana*”, pp. 192, 193.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

montam cavalos para defrontarem o inimigo, equipado da mesma forma, é lógico que este seja o animal mais referenciado. Mas o cavalo também é mencionado nas seguintes situações: em uma embaixada que os gregos organizam para parlamentar com o adversário (uma vez)<sup>5</sup>, como animal de viagem de cavaleiros (quatro vezes)<sup>6</sup>, nas execuções de inimigos realizadas ou sugeridas (quatro vezes)<sup>7</sup>, amarrando-se para tal a vítima à cauda dos cavalos para ser por estes arrastada, como valiosos despojos de guerra (duas vezes)<sup>8</sup>, para caracterizar uma raça monstruosa, os hipodes, referidos na Antiguidade por Plínio e Solino<sup>9</sup>. Estes surgem representados num dos pilares do quarto de Heitor (uma vez)<sup>10</sup>, e o autor menciona que possuem cascos como os cavalos. Trata-se da descrição de uma maravilha, a câmara de Heitor, cujas imagens, nos pilares, são descritas minuciosamente com o intuito de causar o espanto e admiração no auditório da *Crónica*. O cavalo também é referenciado como peça do jogo de xadrez que Aquiles disputa, especificando o autor que era feita de ouro e de prata<sup>11</sup>. Aparece na descrição física do sagitário<sup>12</sup> e, por fim, referencia-se o célebre cavalo de madeira que se encontra na origem da destruição de Troia (12 vezes)<sup>13</sup>, e que é oferecido aos sitiados como imagem dedicada a Minerva, para ser colocada no templo da deusa.

Deste modo, o cavalo é mencionado na *Crónica* maioritariamente com a função de animal de transporte de guerreiros em ações bélicas. O número de vezes em que é associado a combates é muito maior do que o conjunto das restantes situações, duzentos e oitenta e quatro vezes do total das trezentas e quarenta e uma em que é mencionado, como é expectável, tendo em conta que a maior parte do texto consiste em descrições de batalhas. A relação privilegiada entre o cavalo e a guerra é mencionada em bestiários medievais, referindo Bruneto Latini no *Livre du Trésor* que os cavalos sentem aproximar o momento das batalhas, e que “le son des trompetes les rend braves et joyeux. Ils sont réjouis quando ils ont la victoire, et affligés quando ils perdent. Et on peut parfaitement se rendre compte si la bataille doit être gagnée ou non à leur expression de joie ou de colère”<sup>14</sup>. Segundo o mesmo autor, existem cavalos capazes de reconhecer o inimigo dos seus amos. Tais características refletem ideias que vêm da Antiguidade, referindo Virgílio como os cavalos, na iminência da batalha, tornam-se inquietos e sopram fogo dos narizes<sup>15</sup>, enquanto Plínio afirma que choram de pena se os amos são derrotados<sup>16</sup>, característica também mencionada nos bestiários<sup>17</sup>. Quanto à reação às trombetas, já Opiano a tinha referenciado na sua obra sobre a caça<sup>18</sup>. Na cultura clássica é o animal associado a Marte, o deus da guerra. Mas o cavalo também é considerado como um animal que reconhece o amo.

<sup>5</sup> *Crónica troiana*, p. 408.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 577, 696, 747.

<sup>7</sup> *Ibidem*, pp. 239, 241, 387, 413.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 226, 705.

<sup>9</sup> Chambel, *Os animais*, p. 267.

<sup>10</sup> *Crónica troiana*, p. 438.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 515.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 398.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 652, 655-657.

<sup>14</sup> Latini, “Livre du Trésor”, p. 225.

<sup>15</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo animal*, p. 59.

<sup>16</sup> Plínio, *Histoire naturelle*, liv. VIII, 157 (54).

<sup>17</sup> Latini, “Livre du Trésor”, p. 226.

<sup>18</sup> Opiano, “De la Caza”, pp. 203-214.

Segundo o Bestiário de Oxford, chegam a tornar-se selvagens se trocam de dono<sup>19</sup>. Cavalos de heróis, reais ou lendários, da Antiguidade foram conhecidos pelos autores medievais, referindo Lattini, entre outros, Bucéfalo, o cavalo de Alexandre, que só se deixava montar pelo dono, uma característica também referenciada como reportando-se à generalidade dos cavalos, e o cavalo de Júlio César<sup>20</sup>. De resto, na época medieval, entre outros cavalos que ficaram conhecidos, na Península Ibérica salientam-se Baveca, o fiel cavalo do Cid, e o fabuloso oferecido pela Dama Pé de Cabra, Pardalo. A individualização de um cavalo de um herói também aparece na *Crónica* que refere Galateia, o cavalo de Heitor, mencionado em quinze ocasiões, sendo de referir o episódio em que ele é objeto de disputa entre os bastardos, filhos de Príamo, que o pretendem recuperar para o irmão, e os cavaleiros de Aquiles, depois de ter sido perdido na sequência de um duelo do herói troiano com o grego<sup>21</sup>.

Outros cavalos são referidos mais de uma vez como pertencentes a um determinado dono, como é o caso do de Aquiles, também descrito pormenorizadamente, afirmando o autor que era valente, veloz como uma seta, e possuía manchas brancas como a neve e outras negras como azeviche<sup>22</sup>, ou o de Pentesileia, a mítica rainha das amazonas<sup>23</sup>, mas mais nenhum nome de cavalos de heróis do lado grego ou troiano é mencionado. Podemos, deste modo, aquilatar da importância dos heróis na narrativa pela atenção dada à sua montada, sendo que Heitor é sem dúvida o mais valorizado entre os troianos, surgindo, pois, em proporção à importância dada à sua montada, sendo que a conclusão inversa também é verdadeira, ou seja os cavalos dos cavaleiros mais prezados pelo autor surgem devidamente valorizados.

Outra característica que revela a importância dada aos cavalos no texto é o facto de em sessenta e duas ocasiões, em que são referidos em ações bélicas, surgirem adjetivados. Tal pode ser efetuado de forma genérica, com os seguintes adjetivos: bom, forte, ligeiro, corredor, valente e de grande preço ou “preçado” (adjetivação que Brigitte Prévot e Bernard Ribémont assinalam ter surgido com as canções de gesta<sup>24</sup>). Aparece também a referência à pelagem do cavalo, surgindo baios, ruços, ruões e malhados, ou ainda a zona geográfica de onde o cavalo é originário: Arábia, Espanha, Castela, Alemanha, “Nabia”, Flandres, Aragão e Ruão (especifica que se refere à vila), notando-se a incongruência de se juntar a uma narrativa ocorrida na Antiguidade, designativos de regiões que só surgiram no período medieval. Já nos bestiários surgem referidas as características físicas dos bons cavalos, o que denota a sua importância para os senhores da época, tal como nos múltiplos tratados de alveitaria, onde se reporta a melhor maneira de criar um cavalo, juntamente com receitas para o tratamento de diversos tipos de doenças e lesões de que o animal pode padecer, que surgiram em todo o Ocidente medieval. Lisa J. Kiser refere que os melhores eram importados de Espanha para o Norte da Europa, embora pudessem ser originários do Norte de África, ou do mundo árabe. Itália também providenciava bons cavalos e a autora sintetiza acerca da importância dos animais para a classe guerreira na Idade Média: “warhorses, after all, were viewed as part and parcel of knight’s martial identity; it’s quality reflected, or contributed to the knight’s own

<sup>19</sup> *Le Bestiaire*, p. 89.

<sup>20</sup> Latini, “*Livre du Trésor*”, p. 226.

<sup>21</sup> *Crónica troiana*, pp. 401, 402.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 393.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 604.

<sup>24</sup> Prévot y Ribémont, *Le cheval*, p. 197.

level of social value, and the animal would often be elaborately caparisoned (...) in surpllices decorated with its own heraldic devices”<sup>25</sup>.

De forma destacada no texto, surge o conhecido episódio do triângulo amoroso formado por Troilo, Briseide e Diomedes, que tem origem quando o cavaleiro grego, enamorado da donzela, fica com o cavalo do irmão de Heitor, depois de o ter conquistado numa batalha e decide oferecê-lo a Briseide, apaixonada na altura por Troilo<sup>26</sup>. Tal ocorrência está na origem de uma das mais significativas presenças do amor cortês na *Crónica*, até pelas repercussões que teve na cultura letrada posterior. Mais tarde, desenvolve-se a narrativa com Diomedes a perder o seu cavalo para Polidames<sup>27</sup>, que o dá a Troilo, levando a que a filha do adivinho “Colcas” (Briseu) decida oferecer-lhe o cavalo que antes dele recebeu, juntamente com a manga do seu brial para ser utilizado na batalha pelo cavaleiro como pendão<sup>28</sup>, indo assim a donzela em seu auxílio, o que denota a mudança, por parte de Briseide, do objeto do seu amor. Toda a ação, que envolve a troca de montadas de guerra dos heróis, finaliza com o monólogo da filha de “Colcas” (Briseu), que se interroga sobre a inconstância do amor. O roubo do cavalo em combate é assim o *leitmotiv* para o autor introduzir o primeiro episódio de amor cortês no texto, um tema do agrado do público da época.

Por fim, de forma a salientar a atenção que o autor dá às montadas dos guerreiros, o autor também menciona as guarnições que protegem os cavalos em combate, como referido na citação do artigo de Lisa J. Kiser, assinalando os sinais identificativos dos cavaleiros que estes animais transportam. O cavalo é, deste modo, o mais destacado animal do texto, sendo inseparável do cavaleiro no momento do combate, travando com ele as diversas batalhas que são descritas pormenorizadamente na *Crónica*. Quando o cavaleiro perde a sua montada, fica desprotegido, enquanto o animal é disputado como valiosa presa de guerra pelo adversário. Como referi, o cavalo também é associado na *Crónica* a penas de morte por arrastamento, processando-se estas antes ou depois de o adversário ter falecido. Um episódio relacionado com esta função dos cavalos no texto ocorre quando Aquiles, depois de matar Troilo, arrasta o corpo do adversário preso à cauda do seu cavalo<sup>29</sup>, uma morte desonrosa e infame para o cavaleiro troiano, que os seus familiares e aliados tomam como um ultraje.

Os cavalos são também referidos no texto sob a denominação de “palafrém” que Brigitte Prévot e Bernard Ribémont<sup>30</sup> afirmam ser um cavalo utilizado em viagens e passeios, enquanto eu pude constatar, no meu estudo sobre as simbologias dos animais na Demanda do Santo Graal, que nesta obra aparece como montada das damas e das donzelas nobres<sup>31</sup>. Num episódio dos milagres de Santiago, inserido na narrativa medieval dos *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, o palafrém é referido como transportando um nobre em peregrinação<sup>32</sup>. Ou seja, é um animal que sendo também um cavalo, surge mencionado como montada de membros da nobreza, quando estes não se encontram em ações de combate ou de caça. Mas, em quatro ocasiões de viagem de cavaleiros, referenciados pelo narrador, estes usam “cavalos”. Deste

<sup>25</sup> Kiser, “Animals in medieval sports”, p. 110.

<sup>26</sup> *Crónica troiana*, pp. 431, 432.

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 433, 434.

<sup>28</sup> *Ibidem*, pp. 445, 446.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 563.

<sup>30</sup> Prévot y Ribémont, *Le cheval*, p. 183.

<sup>31</sup> Chambel, *As simbologias*, p. 85.

<sup>32</sup> *Idem*, *Os animais*, p. 152.

modo, os cavaleiros nobres quando viajam e podem, nas narrativas aventureiras dos romances medievais, ser a qualquer altura atacados, utilizam também os denominados “cavalos”. Os palafreiros são referenciados na *Crónica* quando os guerreiros vão parlamentar com o inimigo (três vezes, duas na mesma ocasião)<sup>33</sup> –mas nem sempre, pois numa dessas embaixadas, surge a referência a “cavalo”, como vimos–, como a montada de Briseide (duas vezes)<sup>34</sup>, quando Páris encontra pela primeira vez Helena, (ele e os seus companheiros montam palafreiros<sup>35</sup>), pois não se reporta a um contexto de batalha, e mais tarde é novamente mencionado, quando Helena é apresentada a Príamo<sup>36</sup>. Podemos assim concluir que é um cavalo dos membros dos estratos mais altos da sociedade medieval e utilizado como transporte quando aqueles não estão em combate, podendo este ser real ou simulado, como nos jogos e nas ações venatórias. Também é a montada das damas e das donzelas.

Nos animais de carga e transporte são ainda mencionadas as azémolas, bestas de carga que correspondem hoje em dia às mulas e aos machos. Aparecem na equipagem que Páris leva para Troia, para transportarem a pilhagem que a comitiva troiana efetuou, como represália, no templo de Vénus<sup>37</sup>. As azémolas também são mencionadas quando Ulisses conta a Diomedes, rei de Creta, como foi roubado por dois reis irmãos. São utilizadas para transportarem o que estes tiraram ao herói grego, depois de Ulisses abandonar a cidade e dirigir-se para o seu reino com o produto do saque de Troia, ficando despojado da riqueza com que saiu do cerco<sup>38</sup>.

Outros animais de carga são os elefantes, que também surgem associados à guerra. São mencionados apenas por duas vezes, quando um dos heróis faz soar um corno de elefante para estimular os companheiros a combaterem e ordenar os guerreiros<sup>39</sup>. Os dromedários aparecem com a função de bestas de carga, mas igualmente associados à guerra, pois são referidos transportando um forte e bem apetrechado carro de combate, “de gran rriqueza (...) alçado cõmo torre”, que o rei “Fíon” leva para a batalha. O autor especifica que eram dois, “moy corredores et moy ligeiros”<sup>40</sup>. A presença destes animais, originários da região nordeste de África e da parte ocidental da Ásia, na obra acentua como reis e senhores de muitas terras e reinos combateram no cerco de Troia, de um lado e do outro dos beligerantes. Quanto aos camelos eles são episodicamente referidos entre os animais que morreram na peste que Ajax, filho de Telémon, relembra quando se dirige aos gregos<sup>41</sup>, depois de estes terem tomado Troia.

### 3. Mamíferos selvagens

O grupo de animais mais citado que se segue é o dos mamíferos selvagens, e neste o mais referido é o leão. Encontramos o animal em duas situações distintas, na sua

<sup>33</sup> *Crónica troiana*, pp. 291, 296, 326.

<sup>34</sup> *Ibidem*, pp. 419, 425.

<sup>35</sup> *Idem*, pp. 252, 253.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 261.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 261.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 713.

<sup>39</sup> *Ibidem*, pp. 224, 250.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 320.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 676.

representação textual na *Crónica*: como comparação entre o comportamento dos combatentes e os atribuídos do leão, e na sua figuração no escudo heráldico dos combatentes. O leão na Idade Média foi entendido como um animal valoroso e aguerrido, e na sequência das *Etimologías* de S. Isidoro<sup>42</sup> e da tradição clássica, como o rei dos animais. Mas era também considerado, numa herança que remonta à tradição bíblica, como um animal feroz, bravo e mesmo cruel<sup>43</sup>. Segundo Michel Pastoreau, na tradição veterotestamentária, “vaincre un lion est un exploit, et tous les rois ou héros dotés d’une force remarquable sont comparés à des lions”<sup>44</sup>. Nos textos dos autores medievais, no plano simbólico é ambivalente, pois tanto pode simbolizar o bem como o mal<sup>45</sup>, tendo sido considerado um dos símbolos cristológicos mais importantes, remontando ao *Fisiólogo* tal interpretação, pois relaciona-o com o profetizado leão de Judá<sup>46</sup>. Com menos expressão também foi entendido como um símbolo do diabo, a partir das palavras do apóstolo Pedro na primeira epístola aos Coríntios<sup>47</sup>, onde o leão surge comparado ao príncipe das trevas. Foi ainda o símbolo do evangelista S. Marcos. Muitas das características apontadas ao leão nos bestiários medievais foram herdadas da Antiguidade, e referidas pelos naturalistas antigos, como o facto de ser um animal vingativo, pois não esquece de quem lhe fez mal, o de apagar com a cauda as pegadas para não ser seguido, a sua particular voracidade, mas também a clemência que mostra por quem se prostra diante dele, ou ser um símbolo de vigilância<sup>48</sup>, entre outras características que depois foram assimiladas pelos autores medievais que lhes atribuíram significados simbólicos. Também foi no período clássico que começou a ser considerado o rei dos animais, originando que na Idade Média suplantasse o urso, por este estar ligado a ritos pagãos<sup>49</sup>.

Vejam agora as referências ao leão na obra. Na primeira vez em que ele é citado caracteriza o rei Protenor, um monarca guerreiro, dizendo o autor que ele era “ardido cõmo hũ leõ”<sup>50</sup>. Mais tarde, noutra comparação, Heitor, depois de matar Pátroclo, desarma-o para ficar com as suas armas. Quando chega o guerreiro grego Méron, depois de apelidar o troiano de “lobo”, diz que Heitor é como o leão que após matar a presa tenta ficar com o corpo da vítima<sup>51</sup>. Nos bestiários e nos textos dos naturalistas do período clássico esta característica também é referenciada, acrescentando-se como o animal se torna bravo e agressivo quando lhe tentam tirar a presa por ele capturada<sup>52</sup>. Se no caso da primeira referência a comparação com o rei grego resulta positiva, pois é um guerreiro considerado com a bravura própria de um leão, já na segunda é o aspeto cobiçoso e ganancioso de Heitor que, depois de matar o oponente ainda lhe tenta tirar as armas, é salientado nas palavras admoestadoras de Méron. Mas Heitor é de novo comparado a um leão pelo narrador, quando o herói troiano vê um seu irmão morto na batalha. Reage enfurecido e vai combater raivoso como

<sup>42</sup> Sevilla, *Etimologías*, vol. 2, XII, 2, 3.

<sup>43</sup> Chambel, *Os animais*, p. 217.

<sup>44</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le Bestiaire medieval*, p. 91.

<sup>45</sup> *Idem*, p. 98.

<sup>46</sup> “Fisiólogo”, pp. 137-139.

<sup>47</sup> Carbonneau-Lassay, *El bestiario de Cristo*, vol. 1, p. 50.

<sup>48</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, pp. 282, 283.

<sup>49</sup> Morales Muñiz, “Leones y águilas”, p. 212.

<sup>50</sup> *Crónica troiana*, p. 310.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 328.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 416.

se fosse um leão “brauo” quando tem fome e vai caçar para comer<sup>53</sup>. Deste modo, assinala-se uma nova comparação entre o herói troiano e o animal, potenciada pela referência de que é semelhante na ferocidade a um leão faminto que busca comida, o que acentua a perigosidade do animal e, portanto, a impetuosidade do herói. A forma como o leão faminto se comporta foi reportada pelos bestiários medievais e pelos naturalistas antigos, afirmando-se no *Horto do esposo* que se “Ihe tentam tirar a presa, a prende e bate ameaçadoramente com a cauda no chão”<sup>54</sup>. A voracidade do animal já tinha sido referenciada por Aristóteles<sup>55</sup>. Uma nova comparação com animais ferozes é efetuada quando se diz que Heitor e o rei Toas combateram tão bravamente como nunca leão, urso ou porco montês o fizeram, desde que o mundo surgiu<sup>56</sup>.

Mais à frente, o narrador torna a caracterizar a atitude do herói troiano na iminência de uma nova batalha, dizendo que ele foi para ela mais bravo que um leão. O ardor que Heitor sente é acentuado pelo fato de antes se afirmar que levava o rosto vermelho e os olhos inchados com “saña et mays uermellos que hũa rrosa”<sup>57</sup>. Finalmente, nova comparação da disposição guerreira do troiano surge quando o narrador sublinha que Heitor andava na batalha mais bravo e forte que um leão<sup>58</sup>. Estas comparações, se podem parecer positivas ao associar o guerreiro a um animal destemido e enérgico, com uma atitude guerreira que rivaliza com a dos heróis bíblicos, acabam por ser matizadas com as circunstâncias em que o animal é referido: faminto, embravecido e vingativo. Nas palavras que são dirigidas a Heitor, depois deste matar Pátroclo, o herói é inicialmente comparado a um animal de conotações negativas, o lobo, o que acentua o aspeto negativo da comparação que depois é efetuada com o felino.

Mas outros heróis da *Crónica* também são comparados a leões. É o caso de Aquiles, quando tem de se defender dos ataques de Eneias e de Troilo, afirmando o narrador que nunca um leão, um urso, um javali ou um cervo o fez com mais empenho<sup>59</sup>. Trata-se de uma comparação valorativa da forma como Aquiles conseguiu sustentar o ataque dos dois inimigos, sendo comparado a animais selvagens, aguerridos e bravos, nomeadamente quando têm de se defender. Para além dos heróis atrás referidos, dois dos principais da *Crónica*, também o rei Alcamos reage às palavras de um seu companheiro que o incita a defender Troilo, indo para a batalha “tã brauo cõmo hũ leõ”<sup>60</sup>. O narrador afirma ainda que os bastardos entraram na batalha como leões, de modo a caracterizar a atitude destemida e guerreira dos filhos de Príamo<sup>61</sup>. Por fim, depois de tomada Troia, caracteriza-se o rei Acasto, quando vai atacar Neoptólemo, o filho de Aquiles, dizendo-se que ia mais bravo que um leão<sup>62</sup>.

A comparação de um herói a um leão acaba por ser uma forma de o destacar, tendo em conta a conotação valorativa que foi atribuída ao animal. Considerado como poderoso e corajoso, o leão apenas temeria o galo branco e o barulho das rodas, nos bestiários medievais, entendendo-se pelo primeiro os homens de vida virtuosa que

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 344

<sup>54</sup> Chambel, *Os animais*, p. 216.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

<sup>56</sup> *Crónica troiana*, p. 383.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 453.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 463.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 379.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 332.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 340.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 727.

anunciaram a morte de Cristo, e pelas segundas os quatro evangelistas<sup>63</sup>. Mas, como animal feroz e selvagem, também aparece ligado aos excessos que os cavaleiros cometem, e que o narrador, ao compará-los a leões sublinha. A associação privilegiada do felino a Heitor acaba por ser uma forma de assinalar a importância do príncipe troiano, o principal herói da *Crónica*, e já vimos como o realce que lhe é dado nas referências ao seu cavalo aponta na mesma direção. Também acaba por se justificar que o único cavaleiro capaz de rivalizar com Heitor em proezas guerreiras, Aquiles, seja comparado não só a um leão, como a outros aguerridos animais selvagens como o javali, o urso e o cervo. Maria Isabel Rebelo Gonçalves assinala que já na *Ilíada* os “combatentes (...) lutam com a bravura de leões, o destemor de panteras, a persistência de cães de caça”<sup>64</sup>.

A ligação do animal a Heitor surge reforçada por se encontrar representado no seu escudo heráldico um leão vermelho<sup>65</sup>. Mais tarde, porém, é referido que ostenta dois<sup>66</sup>. Outros heróis que também têm nas suas armas a representação de leões são Aquiles<sup>67</sup>, Ulisses<sup>68</sup>, Troilo<sup>69</sup>, Deífobo<sup>70</sup> e o rei “Felis” (será o herói Fénix?)<sup>71</sup>. O leão é o animal mais figurado nos escudos da *Crónica*. Michel Pastoreau e George Duchet afirmam que, durante a Idade Média, foi o animal mais representado nos escudos heráldicos, sublinhando que foi tão comum no século XII como no XV, com cerca de 15 por cento dos casos estudados pelos autores<sup>72</sup>. No meu estudo sobre a simbologia dos animais em *A demanda do Santo Graal* pude constatar que também era a figura que mais aparecia nos escudos dos cavaleiros arturianos. Se por um lado parece lógico que os escudos dos heróis da narrativa surjam associados ao valoroso e combativo animal, a sua presença acaba por também refletir os gostos da época da elaboração do *Roman de Troie*.

Ainda numa associação da representação do leão a um dos cavaleiros da guerra de Troia, destaca-se o túmulo de Páris, pois foi colocado em cima de quatro leões de ouro deitados ante o altar de Minerva<sup>73</sup>, sendo uma forma elogiosa de assinalar a memória do guerreiro troiano, ao surgir representado no seu monumento fúnebre o rei dos animais. Finalmente, ainda se referem os leões que pelejam com grifos numa imagem do segundo pilar da câmara de Heitor<sup>74</sup>, que assim é mais uma vez associado ao animal. Podemos concluir que ele é o herói mais conotado com o leão, mas outros dos principais heróis da narrativa surgem-lhe associados, como Aquiles, Ulisses, Troilo ou Páris, todos destacados cavaleiros que ao longo da narrativa se distinguem pelas proezas guerreiras. As batalhas na *Crónica* são, no entanto, por vezes cruéis e impiedosas e os aspetos mais negativos associados ao leão acabam por refletir essas dimensões dos combates, caracterizando os comportamentos dos que neles participam. Em suma, podemos concluir que são sobretudo a bravura e a impetuosidade

<sup>63</sup> George y Yapp, *The Naming of the Beasts*, p. 48; *Bestiario medieval*, pp. 26-27.

<sup>64</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 7.

<sup>65</sup> *Crónica troiana*, p. 323.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 426.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 563.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 311.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 455.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 508.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 427.

<sup>72</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le Bestiaire medieval*, p. 90.

<sup>73</sup> *Crónica troiana*, pp. 594-595.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 438.

dos heróis que são sublinhados na comparação com o animal, uma característica já presente nos poemas homéricos, como referi, enquanto a associação privilegiada de Heitor ao animal é mais uma forma de destacar o principal herói da *Crónica*.

O segundo animal mais referenciado do grupo dos mamíferos selvagens é o cervo, ou veado, mencionado na *Crónica* por nove vezes em sete ocasiões. Na primeira vez reporta-se à narrativa que Páris faz do seu célebre julgamento sobre a beleza das três deusas, que irá desencadear os acontecimentos futuros, como o seu encontro com Helena e as conhecidas consequências do rapto da rainha aqueia. Nele, o herói conta como se perdeu dos companheiros e dos seus cães de caça, os sabujos, enquanto perseguia um cervo. Cansado, acabou por adormecer, manifestando-se então num sonho Mercúrio com as três deusas. Para explicar a presença neste episódio do cervo temos de ter em conta que por influência da cultura celta, este animal foi considerado um ser psicopompo<sup>75</sup>. É ao persegui-lo que Páris é guiado para o encontro com o sagrado, representado pelas deusas e o seu mensageiro. É condição para as encontrar ficar sozinho, e é o animal que, ao não se deixar alcançar, o proporciona, levando o herói, que é o escolhido das deusas, ao local onde terá lugar o sonho onde se consuma a hierofania. O motivo da caça ao veado surge cristianizado nas lendas de S. Eustáquio e de S. Hubert, estando na origem da conversão dos dois futuros santos uma caçada ao animal<sup>76</sup>. Aliás a importância dada à caça ao cervo na Idade Média surgiu sobretudo por influência celta, uma vez que na tradição clássica, segundo Pastoreau e Duchet<sup>77</sup>, o animal não era particularmente considerado como presa, pois foi encarado como “faible, peureux et lâche”.

Da segunda vez que é mencionado caracteriza a terra de “Beonita” donde vieram dois heróis com os seus exércitos para ajudar os troianos na batalha, dizendo-se que não era muito fértil, mas tinha grande número de peixes e de veados, pelo que os homens apenas se alimentavam destes dois animais<sup>78</sup>. Assinala-se deste modo uma terra singular, enquanto se acentua como guerreiros de diversas partes do mundo se concentraram em Troia. Mas o cervo também é utilizado numa comparação para enaltecer a bravura e a valentia de Aquiles. No entanto, não é ele que é comparado ao animal, uma vez que é narrado como o herói, depois de entrar na batalha, luta tão destemidamente que obriga os troianos a fugir da mesma forma que o cervo tenta escapar dos sabujos<sup>79</sup>. Deste modo, uma cena de caça é utilizada para o narrador salientar as atitudes guerreiras de um herói que motiva a fuga desordenada do inimigo, sendo este último comparado a um cervo fugitivo dos cães caçadores. Trata-se de uma imagem particularmente viva e eficaz dos efeitos que a entrada em batalha do guerreiro grego motiva. Da vez seguinte que os cervos são mencionados, já foi por mim referenciada a propósito de como o mesmo herói se defendeu de Eneias e de Troilo<sup>80</sup>.

Depois de Heitor ter ficado ferido e obrigado a retirar-se das batalhas para recuperar, gregos e troianos acordam em fazer tréguas por seis meses, e o autor afirma que Páris aproveitou-as para se dirigir a uma terra próxima da cidade caçar com muitos companheiros, e para caracterizar o fértil local o narrador afirma ser abundante

<sup>75</sup> Voisenet, *Bestiaire chrétien*, p. 140.

<sup>76</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le Bestiaire medieval*, p. 39.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>78</sup> *Crónica troiana*, p. 302.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 314.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 379.

em animais de caça, pelo que o herói e os companheiros mataram muitos veados<sup>81</sup>. A atividade venatória era importante para os guerreiros, pois permitia que os corpos continuassem exercitados para quando a batalha recomeçasse, para além de ser considerada uma útil forma de lazer, pois também proporcionava alimentação<sup>82</sup>, dizendo o autor que Páris partilhava a caça pelos companheiros e guardava uma parte para Helena.

Outro episódio em que é referido um cervo é de novo numa caçada, mas já depois de Troia ter sido tomada. Centra-se no filho de Aquiles e no regresso para a sua terra, onde projeta vingar-se de seus tios, pois o pai destes, Acasto, usurpou o reino do seu avô<sup>83</sup>. Os tios andavam à caça e Neoptólemo vai ter com eles identificando-se como um grego que passou por muitos perigos no mar. É convidado a participar na caçada ao cervo. A dada altura, surge um destes animais com sete hastes na cornadura. Tentam caçá-lo, mas ele foge e um dos tios persegue-o, proporcionando ao herói grego ficar a sós com o outro, aproveitando a ocasião para o matar. Depois vai atrás do que perseguia o animal e também o abate, consumando a projetada vingança. O narrador diz que o cervo foi deixado ir em paz. Penso que esta caçada lembra a dos santos referidos atrás, uma vez que estes encontram nos respetivos cervos uma cruz nas gahladas<sup>84</sup>. No caso da *Crónica* ela é constituída por sete ramificações nas armaduras do animal. Ora o sete é simbolicamente o número do sagrado<sup>85</sup>. Ou seja, numa narrativa de uma época pagã não tinha sentido que o veado tivesse uma cruz, não obstante todas as incoerências que a *Crónica* apresenta na representação do passado. Deste modo, o cervo, que mais uma vez é perseguido, mas não caçado, permite que o filho de Aquiles reponha a justiça, vingando o avô. Penso que o cervo indica que é o mundo do Olimpo, o sagrado, que proporciona que Neoptólemo consuma a vingança. ou pelo menos sanciona-a. O veado, que não é morto, e ostenta as sete extensões que formam a cornadura, é o instrumento que possibilita as ocasiões para o herói aqueu ficar a sós com os tios, permitindo-lhe que alcance o seu objetivo. Deste modo, é, de novo, para a característica de o cervo ser um animal psicopompo que o episódio remete, ao permitir que se consuma o desejo das potências celestes, pois é o animal que guia o filho de Aquiles e despoleta a ação, permitindo que o herói reponha a “ordem” posta em causa pela usurpação dos tios. Finalmente, o veado é mencionado quando se descreve a câmara de Heitor, dizendo-se que na abóboda estavam representados muitos veados<sup>86</sup>.

O cervo surge na *Crónica* associado a uma atividade própria dos cavaleiros, a caça, e que os heróis da narrativa, como os medievais, praticam. Por duas vezes manifesta-se como um animal relacionado com o sagrado, o que penso poder revelar já a assimilação que o cristianismo fez da herança celta no que a muitos animais diz respeito. Acaba assim por ter uma imagem positiva na obra, como sucedeu na Idade Média, época em que foi considerado um dos principais símbolos cristológicos, e a partir da exegese do Antigo Testamento, também da alma, como o *Fisiólogo* expressa<sup>87</sup>. Foi um animal com conotações positivas nos bestiários, sendo a partir dos

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 443.

<sup>82</sup> Braga, “Carne e peixe”, p. 39.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 726.

<sup>84</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 39.

<sup>85</sup> Heinz-Mohr, *Dicionário dos símbolos*, pp. 344-345.

<sup>86</sup> *Crónica troiana*, p. 437

<sup>87</sup> “Fisiólogo”, p.184.

naturalistas antigos considerado um inimigo da serpente, um dos mais divulgados símbolos do diabo, pelo que a caça e mata<sup>88</sup>, um comportamento mencionado também no *Fisiólogo* que considera o animal um símbolo do Salvador<sup>89</sup>. A sua cornadura foi encarada como símbolo da cruz de Cristo, sancionando a sua ligação ao sagrado<sup>90</sup>, enquanto na Antiguidade foi uma imagem de vida, “avec mort et renaissance au rythme de la nature”, pois periodicamente é renovada<sup>91</sup>. Na Antiguidade, o cervo foi também considerado um símbolo do ardor sexual, o que na Idade Média surge referenciado nos bestiários<sup>92</sup>, sem, no entanto, pôr em causa a visão benéfica e cristológica que neste último período predominou. Isabel Rebelo Gonçalves, por seu lado, regista que nos poemas homéricos os cervos simbolizam a timidez<sup>93</sup>. Foi o animal consagrado a Ártemis<sup>94</sup>.

O javali não é mencionado no *Fisiólogo*, mas nos bestiários medievais apareceram realçadas características negativas<sup>95</sup>, o que caracterizou a visão dos clérigos da época. Foi relacionado com um apetite sexual desmesurado, nomeadamente ao ser representado nas imagens dos bestiários com testículos e pénis de tamanhos proeminentes<sup>96</sup>. A literatura clerical considerou-o um animal luxurioso, simbolizando o pecador, e foi associado ao Diabo<sup>97</sup>. Já os autores da Antiguidade tinham-no caracterizado como libidinoso, agressivo, mas também valente<sup>98</sup>, símbolo de fúria e do ardor guerreiro<sup>99</sup>. Neste período foi encarado como uma combativa e destemida presa para a caça, sendo a sua carne bastante apreciada<sup>100</sup>. Para Homero é um animal que exprime fúria<sup>101</sup>. Na Idade Média, é como presa de caça que se manifesta a sua valorização entre a classe nobre. Para os cavaleiros medievais era um feroz oponente que merecia ser enfrentado, até porque a sua carne revelava-se apetecível<sup>102</sup>. Assim, ele surge, na *Crónica*, uma obra dedicada a um auditório nobre, em comparações relacionadas com a atividade venatória, como um oponente perigoso e combativo. Já vimos como foi associado a outros animais de caça quando se referencia a forma como Aquiles se defendeu de dois heróis troianos, Eneias e Troilo, e a bravura do herói grego é comparada, noutra situação bélica, com a ferocidade do javali quando faz fugir os sabujos que ajudam os caçadores, tal como os troianos tentaram escapar do furor de Aquiles<sup>103</sup>. Uma nova comparação com animais ferozes já foi referida quando mencionámos o leão, dizendo-se que Toas e Heitor combateram mais bravamente que leões, ursos e porcos monteses. Assinale-se que na *Ilíada*, “Heitor demonstra ter a bravura de javalis e leões”<sup>104</sup>.

---

<sup>88</sup> Chambel, *Os animais*, p. 227.

<sup>89</sup> “Fisiólogo”, pp. 184-186.

<sup>90</sup> Chambel, *Os animais*, p. 227.

<sup>91</sup> Prieur, *Les animaux sacrés*, p. 15.

<sup>92</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo animal*, pp. 92-93.

<sup>93</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 11.

<sup>94</sup> Chevaliery Guerbraant, *Dicionário dos símbolos*, p. 185.

<sup>95</sup> George y Yapp, *The Naming of the Beasts*, p. 74; Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, pp. 129-130.

<sup>96</sup> George y Yapp, *The Naming of the Beasts*, p. 75.

<sup>97</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 129.

<sup>98</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, pp. 206-207.

<sup>99</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 11.

<sup>100</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, pp. 127-128.

<sup>101</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p.11.

<sup>102</sup> Chambel, *As simbologias*, pp. 99-100.

<sup>103</sup> *Crónica troiana*, p. 371.

<sup>104</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 8.

Heitor é de novo associado ao animal, dizendo-se que, depois de cair do cavalo, o guerreiro troiano levantou-se e, como era muito “ardido, vurguloso e ual~et”, ficou no campo afastando os adversários, como o porco montês entre os sabujos, de modo que ninguém dele voltou a aproximar-se<sup>105</sup>. Mais uma vez, a atitude de um cavaleiro na batalha é comparada à do javali, surgindo o herói troiano valorizado como guerreiro destemido. Finalmente, na imagem do segundo pilar da câmara de Heitor, javalis aparecem representados a combater com ursos<sup>106</sup>. O animal selvagem é assim referido ao gosto dos senhores medievais que nele viam uma presa aguerrida. Em suma, surge como um adversário digno de um cavaleiro. Ele é significativamente comparado aos dois principais combatentes da *Crónica*, Heitor, como já tinha sido na Antiguidade por Homero, o herói troiano, e Aquiles, o principal protagonista do lado grego. N’*A Demanda do Santo Graal*, Tristão é também comparado a um javali debatendo-se com cães caçadores quando tem de enfrentar vários cavaleiros inimigos<sup>107</sup>.

Os mamíferos selvagens que se seguem no número de referências no texto são o lobo e o urso. O primeiro, não obstante ter sido um animal valorizado pela cultura celta acabou por adquirir conotações negativas na Idade Média<sup>108</sup>. Tratando-se de uma sociedade maioritariamente rural, o lobo foi encarado como um símbolo do diabo, na associação de Deus com o Bom Pastor e das ovelhas com os fiéis, que remonta à tradição bíblica<sup>109</sup>. Na Antiguidade foi considerado um animal feroz e cruel, sempre faminto, características que os autores medievais divulgaram associadas à luxúria<sup>110</sup>. A esta ligação não é estranha o facto de em Roma se chamar às prostitutas lobas, e aos lugares onde podiam ser encontradas de lupanares, o que Pierre de Beauvais, autor de um bestiário, a que já nos referimos, recuperou dizendo que a palavra lobo vem de roubar, pois as mulheres loucas que se dedicam à prostituição, as “lobas”, “roubam” os homens<sup>111</sup>. Foi encarado como um animal perigoso, mas valoroso, na caça nobiliárquica<sup>112</sup>. Na *Crónica*, ele é referenciado quando Pátroclo é morto e Heitor, o seu assassino, tenta tirar-lhe as armas no que é admoestado por Mérion, que lhe chama “lobo”, e depois compara-o a um leão, como referi. A imagem do animal feroz e rapace, sempre faminto, é usada para caracterizar a atitude do herói troiano, que, não se contentando de ter morto o inimigo, ainda tenta ficar com a sua armadura, acabando por ver censurado o seu comportamento<sup>113</sup>. Na vez seguinte que o lobo aparece no texto é para caracterizar Aquiles numa batalha em que atacou os troianos como um lobo que estivesse há muito faminto<sup>114</sup>. Trata-se de uma imagem que traduz eficazmente a atitude do herói. Ao ser comparado com um animal que se encontra com fome, o narrador acentua a sua vontade em atacar o inimigo. O guerreiro grego tinha deixado de combater para poder ficar com Políxena, uma das filhas de Príamo, por quem se apaixonou. Porém, ao ver Troilo e os companheiros atacarem os seus cavaleiros e conseguirem desbaratá-los, decide impetuosamente entrar na batalha, esquecendo-se que, deste modo, ficaria sem a amada e prometida. A comparação

<sup>105</sup> *Crónica troiana*, p. 396.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 438.

<sup>107</sup> Chambel, *As simbologias*, pp. 99-100.

<sup>108</sup> Voisenet, *Bestiaire chrétien*, pp. 138-139.

<sup>109</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 96.

<sup>110</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, pp. 291-292.

<sup>111</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 96.

<sup>112</sup> *Ibidem*, pp. 94-95.

<sup>113</sup> *Crónica troiana*, p. 328.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 556.

com o lobo faminto acentua a forma impetuosa como Aquiles se esqueceu das conseqüências e voltou a guerrear os troianos.

Mais tarde, já depois de Troia ter sido conquistada, Hermíone, a filha de Menelau, pede ao pai que mate Andrómaca, a mulher de Heitor, e o seu único filho. Ao referir-se ao herói troiano diz que foi traidor, lobo mau e renegado<sup>115</sup>. Aqui são sobretudo as conotações negativas do animal que são postas em evidência, pois a donzela grega pretende depreciar aquele que foi o mais perigoso inimigo do pai e dos gregos durante o cerco de Troia. Temos assim que, mais uma vez, os dois principais heróis da *Crónica* são associados a um animal selvagem, tanto nas suas atitudes e características mais positivas, como também nas negativas.

O urso foi igualmente um animal valorizado nas culturas pagãs que influenciaram a forma como os animais foram encarados pelo mundo medieval, pelo que nos primeiros séculos deste chegou a ser considerado o rei dos animais. No entanto, foi sempre mal visto pelos clérigos que acentuaram os aspetos negativos dos seus supostos comportamentos, como a prática da cópula que se assemelharia à humana, e assumiram a herança bíblica onde o animal é desvalorizado, acabando por o associar ao diabo. Teve, porém, uma presença significativa nas hagiografias, onde o poder dos santos se manifesta muitas vezes ao submeterem à sua vontade o feroz animal<sup>116</sup>. Na Antiguidade foi considerado um animal lascivo, e símbolo da gula. No entanto, foram salientados os cuidados e a atenção que as fêmeas dão às crias, tornando-se ferozes para as proteger. O longo período de gestação e crescimento dos ursos foi comparado à formação do espírito humano “mediante la enseñanza, o todo aquello que, como la obra artística, há de sufrir un proceso de perfeccionamiento”<sup>117</sup>. O possante mamífero também esteve associado à caça medieval, sendo, juntamente com o javali e o cervo, um dos animais de grande porte mais valorizados por quem praticava esta atividade. Paulo Drumond Braga refere que o cervo foi assim considerado pela inteligência com que procurava escapar dos caçadores, e os outros dois animais, pela bravura e agressividade que demonstravam a defender-se dos perseguidores e dos seus cães<sup>118</sup>. O urso surge na *Crónica* em situações já analisadas, surgindo uma vez associado ao javali, ao leão e ao veado<sup>119</sup> para comparação com o comportamento de Aquiles, e noutra ocasião com os mesmos animais menos o cervídeo, para caracterizar a atitude guerreira do mesmo herói e a do rei Toas<sup>120</sup>. Finalmente ocorre na imagem do segundo pilar da câmara de Heitor a combater com javalis<sup>121</sup>. É, pois, como um ser feroz, valoroso, mas também perigoso que o urso é comparado com os guerreiros em combate.

#### 4. Aves

O terceiro grupo de animais mais citado na *Crónica* é o das aves, e nele destaca-se a águia, o animal mais referenciado deste agrupamento. A águia foi um símbolo do sa-

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 733.

<sup>116</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, pp. 101-104, Pedro Chambel, *Os Animais na Literatura Clerical Portuguesa dos séc. XIII e XIV*, pp. 40-41.

<sup>117</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, pp. 318-319.

<sup>118</sup> Braga, “Divertimento, utilitarismo e barbárie”, p. 187.

<sup>119</sup> *Crónica troiana*, p. 379.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 383.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 438.

grado na Antiguidade, mensageira dos deuses e a ave associada a Zeus<sup>122</sup>. Foi nessa altura que lhe foi atribuída a característica, referenciada inicialmente por Aristóteles, de ser o único animal capaz de olhar diretamente o sol sem pestanejar<sup>123</sup>, dizendo-se que a fêmea desdenhava as crias que não eram capazes de o fazer. Tal comportamento foi depois amplamente divulgado nos bestiários medievais, levando a que a ave simbolizasse tanto S. João, o Evangelista, como Cristo.

A águia é citada na *Crónica* pela primeira vez como símbolo dos aqueus, dizendo o narrador que cada tenda destes tinha uma representação de uma águia de ouro. E acrescenta, numa anotação que reenvia para o maravilhoso, que a imagem era tão clara que luzia, de modo que, com a sua luz, podia ver-se, no acampamento grego de noite, um homem como se fosse meio-dia claro<sup>124</sup>. A representação do animal nas tendas gregas é de novo mencionada quando se fala do encontro de Antenor e de Eneias com os gregos para combinar a traição a Príamo<sup>125</sup>. É ainda como um signo identificativo que ela surge referenciada por mais três vezes, duas quando o narrador descreve o escudo de Polidamante, que ostentava uma águia de ouro em campo verde<sup>126</sup>, e uma representada no do seu irmão, que tinha um escudo igual<sup>127</sup>. Michel Pastoreau afirma que ela foi abundantemente utilizada nos brasões durante a Idade Média<sup>128</sup>. A imagem de uma águia de ouro também se encontra presente no terceiro pilar da câmara de Heitor, remetendo a sua referência para o fantástico, pois parecia verdadeira enquanto perseguia uma bola lançada por um donzel<sup>129</sup>. Nesta ocasião o animal é referido três vezes. Mas a presença mais significativa da ave no texto ocorre quando, no período final do cerco, os troianos fazem um sacrifício no templo de Apolo de animais, como era seu costume, para saberem como terminaria a contenda com os aqueus. Quando tentaram atear o fogo para consumir o sacrifício, este esmoreceu, não permitindo a oferta à divindade, o que causou admiração entre os sitiados. Estavam ainda espantados quando surgiu pelo ar uma águia grande e forte que, grasnando alto, pegou no sacrifício que estava no altar e foi colocá-lo na hoste dos gregos<sup>130</sup>. A oferta dos troianos foi rejeitada pelos deuses, indicando a águia, mensageira das potências celestes, que a vitória final seria dos gregos. É assim que o adivinho “Colcas” (Briseu), um troiano que tinha passado para o lado dos gregos, entende o ocorrido, dizendo que era um sinal de que em breve estes tomariam a cidade<sup>131</sup>. A águia é, deste modo, um representante dos desejos das potências celestes, e sua mensageira, sendo o significado do seu comportamento interpretado por um especialista na descodificação de sinais divinos.

De seguida, surge a denominação genérica de “aves”, no número de citações destes animais, desprovida de conotações simbólicas, pelo que iremos sumariamente inventariar como se manifesta. A primeira vez é para caracterizar uma estação do ano, dizendo-se que é a altura em que as aves começam a cantar, os prados a enver-

---

<sup>122</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 209.

<sup>123</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, p. 23.

<sup>124</sup> *Crónica troiana*, p. 315,

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 635.

<sup>126</sup> *Ibidem*, pp. 319, 383.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 619.

<sup>128</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 23.

<sup>129</sup> *Crónica troiana*, p. 441.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 648.

<sup>131</sup> *Ibidem*, pp. 648-649.

decer e as árvores têm folhas<sup>132</sup>. Trata-se em suma do começo da Primavera e de uma comparação estereotipada<sup>133</sup>. Numa segunda referência caracterizam o reino de um monarca que veio ajudar os troianos, dizendo o narrador que era da terra de muitas e estranhas maravilhas, com bestas e aves de diferentes espécies e “naturas”<sup>134</sup>. Surge ainda como imagem no segundo pilar do quarto de Heitor, numa referência à caça medieval com aves de rapina, mencionando-se os falcões, os gaviões e os açores, que aparecem na *Crónica* apenas aqui citados, entre outras aves caçadoras<sup>135</sup>. Trata-se de mais uma incongruência histórica, pois a caça com aves era desconhecida na Antiguidade. É uma herança dos povos bárbaros, tendo sido também praticada pelos árabes. A adequação do texto ao gosto do auditório medieval está na origem desta anacronia. No monumento fúnebre de Aquiles mencionam-se as aves para ajudar a caracterizar a cor do mármore que foi utilizado na sua construção, referindo o narrador que não há seres naturais, entre os quais ave ou besta, cuja cor pudesse ser comparada à da pedra tumular<sup>136</sup>. Reportando-se à morte de outro herói, neste caso o troiano Heitor, o narrador refere que, depois de preparado o corpo do falecido, ele foi posto num leito de marfim onde estavam representadas aves, serpentes e outros animais (“bestiões”), assinalando-se o trabalho que foi dedicado para a preservação da memória do herói<sup>137</sup>. Numa última referência a palavra “ave” serve para designar o animal fabuloso “alarião”, de cujas penas foram feitas as setas utilizadas pelo sagitário<sup>138</sup>.

Outra ave mencionada é o abutre (voytor), um animal necrófago. Foi esta característica que foi mais salientada pelos naturalistas da Antiguidade e os autores medievais ao referenciarem o animal. Ambos associaram a ave à morte. Embora o *Fisiólogo* tenha uma posição neutra acerca do abutre, não registando o seu simbolismo<sup>139</sup>, ele acabou por alcançar conotações negativas na literatura clerical medieval<sup>140</sup>. A ligação do animal aos cadáveres originou a crença de que conseguia cheirá-los a grande distância, possuindo um olfato excepcional, e que seria capaz de adivinhar quando uma morte se iria consumir. Foi também considerado como um animal capaz de prever qual o exército que iria ser derrotado em batalha. Todas estas características, referidas pelos autores da Antiguidade, relacionam a ave com a morte e os cadáveres, e foram reproduzidas em bestiários medievais que conotaram o abutre com o pecador e o diabo. Regista-se também na Bíblia como um animal impuro<sup>141</sup>. Na *Crónica* os abutres são sempre associados a mortes indignas e punidoras. É assim que Páris não quer que Aquiles tenha sepultura, mas que o seu corpo fosse dado a abutres e cães<sup>142</sup>, outro animal necrófago e impuro, na tradição bíblica, associado à morte e ao mundo ctónico do Inferno<sup>143</sup>. Quando, por sua vez, Orestes vinga o pai, acusando a mãe da sua morte, depois de lhe cortar os seios, manda deitar o

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 301.

<sup>133</sup> Chambel, *As simbologias*, p. 103.

<sup>134</sup> *Crónica troiana*, p. 301.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 438.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 582.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 470.

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 393.

<sup>139</sup> “Fisiólogo”, pp. 169-171

<sup>140</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 146.

<sup>141</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, pp. 52-55.

<sup>142</sup> *Crónica troiana*, p. 581.

<sup>143</sup> Chambel, *As simbologias*, pp. 93-94.

cadáver fora das muralhas para ser comida pelos cães e pelos abutres<sup>144</sup>. A morte por animais necrófagos, ou a consumação do cadáver por estes, era considerada impura, aparecendo registada noutros textos medievais, embora por vezes apenas os cães sejam mencionados<sup>145</sup>. Nos poemas homéricos evoca-se a morte “pela referência a cães necrófagos, aves de rapina, peixes, etc”, e assume-se “o receio pelo destino da alma se o corpo ficar insepulto, registando-se o medo de o corpo ser consumido por animais necrófagos, expresso por heróis como Aquiles ou Egisto”<sup>146</sup>. Finalmente, são ainda mencionados na *Crónica* os galos para indicar a hora em que os gregos fazem o ataque final a Troia. O narrador indica que foi antes que estes cantassem, ou seja, antes de a manhã nascer, que o exército grego atacou pela última vez a cidade, para a destruir e saquear<sup>147</sup>.

## 5. Animais fabulosos

O grupo de animais que se segue em número de citações é o formado pelos seres fabulosos. Tanto os centauros, de que o sagitário faz parte, como as sereias, ambos animais híbridos de humanos e de animais, foram considerados prodígios na Idade Média, tendo S. Isidoro de Sevilha procurado explicações na tradição antiga para as múltiplas referências a estes seres nos textos da época clássica, a partir de uma possível origem humana<sup>148</sup>. Foram, no entanto, englobados nos bestiários e por isso são considerados no capítulo dos animais fabulosos. Para Isabel Rebelo Gonçalves, na *Odisseia*, os seres fabulosos são a “materialização dos terrores que os heróis têm de enfrentar”<sup>149</sup>. Na *Crónica troiana* destaca-se, pelo número de citações, o sagitário, embora elas se situem em apenas dois episódios. Um deles, porém, é um dos mais significativos da obra. Como refere Francis Dubost, o sagitário é o centauro medieval, portanto um ser que a Idade Média herdou da mitologia clássica. É um híbrido com a parte inferior do corpo de cavalo e a superior de homem. Não existiu, durante a Idade Média, qualquer dúvida de que não podia ser considerado humano. Para o ser precisava de possuir alma e para os autores medievais não preenchia tal condição, assim como seria incapaz de falar ou de articular palavras. A presença de tais seres nos escritos medievais vinha satisfazer a sede de prodígios do público, que procurava os elementos maravilhosos que causavam o espanto e a curiosidade. O sagitário foi amplamente representado nas igrejas medievais, normalmente com o arco que definia a sua função guerreira, pois acreditava-se que era um exímio e temível arqueiro. Como os restantes híbridos com parte humana, o sagitário acabou por ser relegado para as hostes demoníacas, para além de ter sido considerado como possuidor de uma insaciável luxúria<sup>150</sup>. Também é um símbolo do hipócrita e do falso, utilizando o diabo a sua imagem para surgir aos homens, como quando tentou S. António de Tebaida<sup>151</sup>. Já na Antiguidade tinha sido considerado feroz, bestial e

<sup>144</sup> *Crónica troiana*, p. 707.

<sup>145</sup> Chambel, *As simbologias*, p. 94, *Idem*, *Os animais*, p. 105.

<sup>146</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 32-33.

<sup>147</sup> *Crónica troiana*, p. 658.

<sup>148</sup> Sevilla, *Etimologias*, XI, 3, 30-31.

<sup>149</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 30.

<sup>150</sup> Dubost, *Aspects fantastiques*, vol. 1, pp. 526-532; Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 38.

<sup>151</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, p. 60.

luxurioso<sup>152</sup>. Na *Crónica*, o ser é levado para a batalha por um rei, que apoia o lado troiano, – aquele que, por se situar mais a oriente, encontra-se mais relacionado com os prodígios – poderoso e letrado. Segue-se a descrição física do sagitário que é maravilhosamente corredor e ligeiro, de forma que ninguém lhe podia escapar. É referido como um ser híbrido, mas acentua-se que se encontrava nu, um traço da sua animalidade. A face era vermelha como o fogo, e os cabelos luziam de tal modo que pareciam arder, sendo por isso visível à distância de três léguas. Era tão bravo e espantoso que não havia quem o visse que não ficasse apavorado e fortemente admirado. O arco que usava é descrito como sendo extremamente forte, sendo necessária uma força prodigiosa para o utilizar. Quanto às penas das setas eram de uma ave, também ela fabulosa, chamada “alarião”, que só existiria numa terra onde não chove, supondo-se perto dos trópicos, uma vez que é conhecida por “menodía”, outro local considerado produtor de prodígios, devido ao calor que se fazia sentir e que impedia que lá vivessem comunidades humanas. Antes de começar a combater, o sagitário foi ensinado como devia proceder, quem eram os inimigos e quem devia respeitar e amar. Logo que é largado em combate dá grandes saltos e faz soar alta a voz, bradando e dando gritos espantosos. Na batalha demonstra ser quase invencível e causa grande mortandade nas hostes gregas. Antes de lançar uma seta envenenava-a. Expelia uma espuma semelhante a uma chama e o seu bafo parecia queimar o ar. Enquanto combateu, causou inúmeros mortos aos inimigos dos troianos. Diomedes, porém, encurralado pelo ser e sentindo que não lhe podia escapar acaba por, em desespero, atacá-lo e surpreendentemente mata-o. Depois, corta o corpo do híbrido, separando a parte de homem, que logo morre, da animal, que continua a mover-se. Em toda esta descrição realçam-se os aspetos bestiais e fabulosos do ser. O sagitário surge na descrição associado ao vermelho, uma cor que, segundo Michel Pastoreau, a partir do século XII foi conotada com o mal e o diabo, nomeadamente nos seres com pilosidades ruivas<sup>153</sup>. O episódio acaba com a sua morte e com a descrição do ânimo que aquela provocou nos gregos, que aproveitaram para voltar ao ataque à cidade<sup>154</sup>. O sagitário é relembado mais tarde, já depois de o cerco ter terminado, por Diomedes que recorda aos gregos ter sido ele quem abateu a perigosa fera, como forma de destacar a sua importância, durante o longo assédio a Troia, na discussão sobre quem devia ficar com o Paládio<sup>155</sup>.

Outro híbrido de humano mencionado na *Crónica* é a sereia. Foi considerada na Idade Média parte mulher com parte de ave ou peixe, havendo autores que consideraram ser possível que as duas partes animais coexistissem com a humana<sup>156</sup>. As sereias são mencionadas ao rei de Creta quando Ulisses narra as aventuras por que passou, depois de sair de Troia. O herói encontrou as sereias no aventureiro caminho que o levou de regresso à pátria. Seguiu num navio e, perto de uma zona particularmente rochosa, deparou-se com as fabulosas criaturas. Afirma que eram aleivasas e enganosas, pois possuíam vozes claras, parecidas com as das águias, e o seu canto era saboroso e encantatório. Quem as ouvia desejava continuar a escutá-las, provocando os naufrágios dos navios, pois as tripulações ficavam encantadas pelo canto das sereias e estas encontravam-se sempre perto de locais perigosos. Ulisses acaba

<sup>152</sup> *Ibidem*, pp. 59-60.

<sup>153</sup> Pastoreau, *Une histoire symbolique*, p. 203.

<sup>154</sup> *Crónica troiana*, pp. 398-401.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 670.

<sup>156</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, p. 370.

por explicar que só lhes conseguiu escapar graças aos encantamentos que conhecia, e que então lhe valeram, ao impedir que a tripulação as ouvisse. Trata-se de mais um episódio que realça aspetos sobrenaturais e fabulosos, e que fazem parte da lenda do regresso de Ulisses popularizada pelo poema de Homero. As sereias foram consideradas nos bestiários medievais como símbolo das mulheres tentadoras que levavam os homens à perdição e à morte, das meretrizes e dos prazeres mundanos e luxuriosos<sup>157</sup>. Remetem também para a vaidade, e mesmo o próprio diabo<sup>158</sup>. No Fisiólogo são consideradas cruéis e símbolos do homem mentiroso e inconstante, como os falsos mercadores que acodem ao templo, mas que pecam escondidamente<sup>159</sup>. Segundo Mariño Ferro, as sereias na Antiguidade, metade ave, metade mulher, somam “la feminidad y la atracción sexual que tientam el hombre en el camino –navegación– de su vida. O sea, la mujer com canto de pájaro representa la mujer y su atractivo sexual. Dicho de outra forma: si se representa el atractivo sexual de la mujer por medio del canto nupcial de los pájaros, surge la Sirena”<sup>160</sup>, que, como vimos, depois irá simbolizar a mulher pecadora, tentadora dos homens.

Outro animal fabuloso surge na *Crónica* quando se menciona a passagem da filha do adivinho “Colcas” (Briseu), Briseide da cidade para o acampamento dos gregos. É nessa altura que se fala do manto fabuloso da donzela, feito pelo mestre indiano que ensinou o adivinho. Porém, a parte mais prezada do manto era feita da pele de um animal denominado “uendyalos” que habitava no Oriente. O narrador diz então que o odor da sua pele não era igualado nem pelo das flores. Os “uendyalos” eram caçados por uma gente selvagem, “moy layda e de feytura moy estraya”. É referido onde os animais viviam, tratando-se de uma terra particularmente quente e onde não havia árvores, nem outra coisa que pudesse causar sombra. Os caçadores da besta levavam ramos de bálsamo de que faziam cabanas onde se escondiam. O animal ao ver a sombra da cabana, como não havia nada que temesse, deitava-se nela, altura em que os caçadores saíam e matavam-no. Outra besta fabulosa é então referenciada para dizer que a orela do manto era feita da pele desse animal que viveria no mítico Paraíso terreno, outro local de maravilhas e prodígios<sup>161</sup>. É para o fabuloso que todo este episódio reenvia. Engloba vários aspetos que remetem para uma geografia fantástica, descreve-se a curiosa caça ao “uendyalos”, e é referenciado o Paraíso terreno, localizado no Oriente. Este, sendo uma zona pouco conhecida do mundo ocidental, foi privilegiada, juntamente com as zonas tórridas, ambas consideradas situadas nas orlas da Terra, para os autores fazerem surgir as maravilhas e as criaturas fantásticas. O Oriente foi a terra das lendas na medievalidade, que suscitavam curiosidade ao homem da época

Por fim, outro ser híbrido é ainda referenciado, também ele herdado da tradição clássica. Trata-se do grifo, animal meio águia meio leão. O grifo aparece no texto para caracterizar uns guerreiros que lutam ao lado dos troianos, dizendo o narrador que tinham rostos de grifos<sup>162</sup>. Quando antes refere a terra de onde são originários, sublinha que era tão chegada ao sol que era maravilhoso como homens podiam lá viver, o que a aproxima da terra dos “uendyalos”, ressurgindo o já referenciado tó-

<sup>157</sup> *Bestiario medieval*, pp. 134-135.

<sup>158</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, p. 332.

<sup>159</sup> *El Fisiólogo*, p. 36.

<sup>160</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, p. 331.

<sup>161</sup> *Crónica troiana*, pp. 418-419.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 302.

pico da terra geradora de prodígios. A face de grifo acentua a estranheza dos seus habitantes, caracterizados como temíveis guerreiros, capazes de dar uma inestimável ajuda aos troianos. Por fim, é feita a referência aos grifos representados na imagem do segundo pilar da câmara de Heitor, podendo ser vistos a combater leões e serpentes<sup>163</sup>. O grifo foi um animal bastante representado na arte medieval<sup>164</sup>. Menciona-se no *Fisiólogo* grego como sendo originário do Oriente, símbolo do arcanjo S. Miguel e da mãe de Deus<sup>165</sup>. De forma geral, os bestiários traduzem aspetos positivos do animal, mas quando associado ao poder destrutivo de que é capaz, juntamente com a crueldade, manifesta-se como símbolo do diabo, como refere Pierre de Beauvais<sup>166</sup>. Foi também um animal de simbologia cristológica<sup>167</sup>. A maior parte dos naturalistas antigos, como Plínio e Heródoto, descrevem os grifos, mas é Eliano que lhes concede maior atenção<sup>168</sup>. Este refere que vivem na Índia, são quadrúpedes como os leões, com garras poderosas e possuem asas, sendo as penas do dorso negras. Faz o ninho nas montanhas e quando adultos são impossíveis de aprisionar. Segundo um povo vizinho dos naturais da Índia, são guardadores de ouro. Habitam em lugares desertos com o seu tesouro, e combatem outros animais, vencendo-os<sup>169</sup>. Segundo Gerd Heinz-Mohr, “para os gregos” o grifo “simboliza, enquanto a maior ave imaginável, força e vigilância; dessa forma é a cavalgada de Apolo e de outros deuses, como também vigia do ouro hiperbólico”<sup>170</sup> (177). Para Jean Chevalier e Alain Guerbant, guardam os tesouros no país dos Hiperbórios. Deste modo, também simbolizam o obstáculo a transpor para se chegar ao tesouro<sup>171</sup>.

## 6. Animais domésticos

O grupo de animais representados na *Crónica* que se segue, em número de referências, é o dos domésticos e dele faz parte apenas o cão, embora este também surja sob a denominação do animal caçador, o sabujo. Na Idade Média, o cão teve conotações positivas, nomeadamente como símbolo da fidelidade, surgindo representado com esta conotação na tumulária medieval, indicando tanto a fidelidade conjugal, como a vassálica<sup>172</sup>. Já na Antiguidade, Argo, o cão de Ulisses que o reconhece, depois da longa ausência do dono, surge na *Odisseia* com o mesmo simbolismo<sup>173</sup>. Mas nos textos clericais prevaleceram os simbolismos negativos, nomeadamente a partir da tradição veterotestamentário, onde surge como animal impuro e instrumento de mortes punitivas<sup>174</sup>. No Novo Testamento, Pedro refere depreciativamente o animal ao dizer que “o cão voltou ao seu próprio vômito” para designar os cristãos que re-

<sup>163</sup> *Ibidem*, p. 438.

<sup>164</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 72.

<sup>165</sup> *Bestiario medieval*, p. 79.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>167</sup> Pastoreau y Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 72.

<sup>168</sup> Mariño Ferro, *El simbolismo*, p. 284.

<sup>169</sup> Eliano, *Historia de los animales*, IV, 27.

<sup>170</sup> Heinz-Mohr, *Dicionário*, p. 177.

<sup>171</sup> Chevalier y Guerbant, *Dicionário dos Símbolos*, p. 358.

<sup>172</sup> Chambel, “Marcas do quotidiano”.

<sup>173</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol. 1, p. 42.

<sup>174</sup> Chambel, *Os animais*, p. 105.

nunciaram à fé, e é atribuída a Cristo a expressão “não deis aos cães o que é santo”<sup>175</sup>. Na hagiografia, *Visão de Túndalo*, os ataques que os que diabos movem às almas são comparados a investidas de cães<sup>176</sup> e na *Vidas de Barão e Josaphat*, os dos cavaleiros pagãos contra eremitas cristãos são associadas aos de cães e bestas bravas<sup>177</sup>, e como tal remetem para forças demoníacos. Deste modo, também nas vidas de santos divulgadas na Península Ibérica, a componente negativa do cão prevalece, com a exceção da Vida de S. Bernardo, um santo significativamente de origem nobre<sup>178</sup>. As simbologias negativas surgem relativizadas nos textos dedicados à caça, onde o cão é referenciado como valoroso e fiel companheiro dos caçadores. Uma característica valorizada na Idade Média surgiu associada à crença de que as lambidelas dos cães saravam feridas<sup>179</sup>. Finalmente, já referimos como é um animal relacionado, em muitas tradições, com a morte e o Inferno, como na Antiguidade, em que um destes animais é o guardião do Hades. Ainda no período clássico, segundo Isabel Rebelo Gonçalves, Homero considerou “a ideia de animal desprezível (ligada aos cães necrófagos), aliada à ideia de despudor (com origem nos cães vadios ou domésticos)”, surgindo na *Iliada* como um termo ofensivo para as personagens<sup>180</sup>.

O cão é referenciado uma primeira vez na *Crónica* quando Príamo envia uma embaixada, chefiada por Antenor, com o intuito de recuperar a irmã, que tinha sido raptada pelos gregos, na sequência da primeira destruição de Troia. É neste contexto que o enviado da cidade à Grécia fala com um rei que não só se escusa a ajudar Príamo, como afirma não dar mais pela vida do mensageiro do que pelo rabo de um cão, referenciando deste modo que aquele se encontrava em perigo de vida. O cão aparece aqui como um animal depreciado, cujo baixo valor acentua a comparação<sup>181</sup>. Como vimos, já na Antiguidade foi considerado um ser desprezível. Mas ele também é associado a um herói troiano, de uma forma pouco abonatória para este. Um rei grego, depois de Heitor lhe ter matado o irmão, decide atacá-lo e chama ao herói cão raivoso, para exprimir a agressividade e o ímpeto com que o troiano atacou as hostes gregas. A comparação com um animal colérico, em vez de com um animal selvagem, acaba por transmitir uma conotação negativa que se consubstancia na ofensa<sup>182</sup>. O animal é também mencionado quando o narrador descreve as raças monstruosas, que se podem observar na imagem do segundo pilar da câmara de Aquiles, referindo-se os cinocéfalos como possuindo o focinho de um cão<sup>183</sup>. Como animal necrófago e instrumento de uma morte punitiva, é citado quando Páris pretende atirar o corpo de Aquiles, depois de ter morto o herói numa cilada, aos cães, um fim ultrajante para o herói grego. Já referenciei como o narrador afirma que os troianos fugiram do mesmo guerreiro aqueu como o cervo dos sabujos, surgindo aqui uma comparação com uma cena típica de uma ação venatória. O resto das referências aos cães e aos sabujos já foram assinaladas quando analisei as presenças do javali, do cervo e do abutre. No caso da utilização do sabujo no texto, ele relembra o papel do animal na caça

---

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>177</sup> *Ibidem*, pp. 38-39.

<sup>178</sup> *Ibidem*, pp. 38-40.

<sup>179</sup> *Ibidem*, pp. 37-38.

<sup>180</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, pp. 28-29.

<sup>181</sup> *Crónica troiana*, p. 241.

<sup>182</sup> *Ibidem*, p. 396.

<sup>183</sup> *Ibidem*, p. 438.

medieval que os senhores medievais levavam a cabo, onde eram considerados indispensáveis coadjuvantes dos caçadores. A palavra “cão” e não “cã”, que é a forma como habitualmente a palavra “cão” surge na *Crónica*, é também utilizada no texto. Ocorre quando Ulisses se refere a si próprio como “cão et sesudo”<sup>184</sup>. Penso que se trata não de uma referência ao animal, mas à avançada idade que o herói reconhece que alcançou.

## 7. Gado

O grupo de animais seguinte é composto pelos que foram agrupados sob a designação de gado. Estes ocorrem em contextos que remetem para a realidade, sem se encontrar subjacente qualquer conotação simbólica. Deste modo, a cabra é mencionada a propósito da sua pele ter servido para fazer um fole, que espalhava o odor de bálsamo durante o enterro de Heitor<sup>185</sup>. Manifesta-se ainda no seguinte provérbio que o narrador utiliza: “cabra uay per vyna, qual fuy a madre tal será a filla”<sup>186</sup>, reportando-se a Hermíone, a filha de Menelau e de Helena, augurando um futuro sombrio ao seu marido Orestes, como veio suceder, pois o autor afirma que foi morto por ela<sup>187</sup>. A vaca é referida conjuntamente com a ovelha, o cavalo e o camelo, associada deste modo a outro animal de gado, a ovelha, como fazendo parte dos animais que morreram durante o surto de peste que Ajax lembra aos gregos, e que referi a propósito dos animais de transporte e carga. O mesmo animal é mencionado quando os alimentos começam a escassear entre as hostes gregas, e é referido o preço que a carne de vaca atingiu devido à carestia<sup>188</sup>. Finalmente, a palavra “gado” surge duas vezes quando Ajax recorda aos gregos como roubou gado e bestas que estavam escondidas para alimentar o exército aqueu<sup>189</sup>, e, pouco depois, reitera que trouxe um elevado número de animais de gado para sustento dos sitiados durante o cerco<sup>190</sup>.

## 8. Répteis

No que respeita aos répteis, apenas é mencionada a serpente. Este animal teve uma conhecida e muito divulgada conotação simbólica com o mal e o próprio diabo. Foi ainda associada ao pecado e às penas infernais. Na exegese da Bíblia feita por autores cristãos, a serpente de bronze do Êxodo foi encarada como um símbolo cristológico. Prevaleceram, porém, na Idade Média, as conotações negativas, embora por vezes sejam referenciados os aspetos positivos que lhe foram associados<sup>191</sup>. Na Antiguidade foi considerada um símbolo da morte<sup>192</sup>.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 742.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 474.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 734.

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> *Ibidem*, p. 486.

<sup>189</sup> *Ibidem*, p. 673.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 674.

<sup>191</sup> Chambel, *Os animais*, pp. 25, 225-227.

<sup>192</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol.1, p. 6.

As serpentes são referidas duas vezes na imagem do segundo pilar da câmara de Heitor, ora a combater com grifos e leões<sup>193</sup>, ora para mostrar como existem muitos animais estranhos no mundo, surgindo descrita uma espécie de serpentes feias, espantosas e voadoras<sup>194</sup>. Quando o narrador discorre enciclopedicamente sobre as zonas despovoadas do mundo, fala duma terra que, por se encontrar perto do sol, apenas lá existiam bestas estranhas e espantosas, serpentes e outros animais pavorosos. Como animal venenoso é referenciado quando Menelau conta que uma serpente matou um seu sobrinho<sup>195</sup>. A outra referência ao réptil ocorre a propósito do leito onde o cadáver de Heitor foi deitado e que já mencionei a propósito das aves.

## 9. Peixes

Os peixes apenas são referidos sob a designação de “pescado” e em duas ocasiões. Uma delas, na imagem do segundo pilar da câmara de Heitor, onde é representado o mar com muitos peixes que combatem entre si<sup>196</sup>. Na segunda, o animal aparece conjuntamente com os veados, e que já referi quando mencionei estes animais, na terra dos combatentes onde apenas existiam veados e pescado.

## 10. Bestas e animálias

Vejam sumariamente em que contextos e com que significados surge a palavra genérica “besta”. Duas vezes tem o sentido de cavalo<sup>197</sup>. É utilizada para caracterizar a terra de um rei que vai combater no cerco de Troia, afirmando-se que possui bestas e aves de muitas “naturas”<sup>198</sup>, enquanto na descrição do sagitário, a palavra “besta” é atribuída por duas vezes ao ser, o que assinala o comportamento e a natureza animais do sagitário. Reporta-se ao animal fabuloso “uendyalos”, surgindo deste modo mencionada seis vezes. A palavra é ainda, no mesmo episódio, utilizada uma vez para referenciar o animal do Paraíso terreno cuja pele é utilizada para fazer a ourela do manto de Briseide<sup>199</sup> e cujo nome não é indicado. Antes tinha sido usada a propósito do manto da filha de Briseu, onde se encontravam figuradas todas as animálias e bestas que existiriam no mundo<sup>200</sup>. Na descrição das imagens do segundo pilar do quarto de Heitor, o narrador caracteriza os membros de uma raça monstruosa, os arcabitas, afirmando que andavam como bestas e que o seu membro mais velho não ultrapassava os dez anos, realçando deste modo a singularidade da raça<sup>201</sup>. Na referência ao leito onde é deitado o corpo de Heitor, morto em batalha, reportam-se as figuras de aves, de “bestiões” e de serpentes que nele foram representadas, para caracterizar o cuidado posto na sua elaboração<sup>202</sup>. Também a propósito do

<sup>193</sup> *Crónica troiana*, p. 438.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 439.

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 710.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 438.

<sup>197</sup> *Ibidem*, pp. 253, 414.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 301.

<sup>199</sup> *Ibidem*, pp. 418-419.

<sup>200</sup> *Ibidem*, p. 418.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 439.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 470.

monumento fúnebre de um outro herói, Aquiles, no já mencionado fabuloso marfim utilizado na sua construção, destaca-se a cor que não era igualada pelas das aves nem das bestas<sup>203</sup>. Na descrição da zona terrena mais meridional, o narrador afirma que apenas sobreviviam bestas estranhas e espantosas, serpentes e outras animálias pavorosas<sup>204</sup>. As serpentes não surgem neste caso englobadas nas palavras “besta” ou “animália”, pois são mencionadas à parte. Também os animais utilizados no sacrifício pelos troianos, e que é rejeitado pelos deuses, são constituídos por bestas estranhas, acentuando como eram invulgares os seres que serviram para fazer a oferta<sup>205</sup>. Finalmente, ocorre conjuntamente com a palavra “gado” para referir os animais que Diomedes relembra que levou para auxiliar os gregos, ao providenciar-lhes os necessários mantimentos para o cerco a Troia<sup>206</sup>. Assim, se a denominação “besta” pode surgir com o sentido de animais em geral, ou de animalidade quando serve para adjetivar seres híbridos e fabulosos, outras vezes aparece reforçada com a palavra “animália”. Parece excluir noutras ocasiões as aves e as serpentes, embora numa ocasião se reporte a animais de que não fazem parte os do gado. Mas também pode surgir para designar animais específicos, como os cavalos, ou o habitante do paraíso terreno. Assim, a sua significação é flutuante.

Também referenciámos as duas ocasiões em que o autor utiliza a palavra “animália”, bem menos usada e que, não obstante parecer ter o mesmo, ou semelhante, sentido, surge conjuntamente com a palavra “besta” por duas vezes, talvez para dar ocasião a que surjam outras adjetivações para os animais, como é o caso da caracterização da zona terrena meridional, ou, no caso do manto de Briseide, para acentuar como todos os animais do mundo se encontravam representados nele.

## 11. Conclusão

As funções que os animais adquirem na *Crónica* acabam por salientar as principais características da obra, remetendo para elas. A narrativa centra-se no cerco a uma cidade, um tema típico da épica<sup>207</sup>. Segundo Carlos Garcia Gual “la épica canta a los héroes de un glorioso pasado (...) implica una edad de gloria y del coraje sin una complicada organización política que oscurezca el talento individual y las hazañas personales”<sup>208</sup>. Ora, a *Crónica* é, no entanto, um texto de transição, que a introdução do amor cortês sublinha. Mas ainda apresenta características típicas da épica medieval, como podemos constatar da definição de Carlos Garcia Gual. Deste modo, o autor descreve pormenorizadamente os combates, e realizando-se estes segundo o modelo medieval, os cavalos são naturalmente os animais mais referenciados, e por larga vantagem. Eles ocorrem em situações de combate, são descritos em função do valor, da pelagem e da origem, reportando-se, por vezes, o autor a cidades e reinos medievais, para além de serem particularizados os cavalos dos principais heróis. Também são utilizados pelas personagens no seu transporte, para as execuções e para uma embaixada, para além de serem valiosos e disputados despojos das bata-

<sup>203</sup> *Ibidem*, p. 582.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 599.

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 648.

<sup>206</sup> *Ibidem*, p. 673.

<sup>207</sup> García Gual, *Primeras novelas*, p.58.

<sup>208</sup> *Ibidem*, pp. 60-61

lhas. Já numa outra legação, como montada de donzelas, ou numa situação de transporte de protagonistas, são mencionados os palafreiros. Os restantes animais de carga são coadjuvantes do esforço guerreiro, como é o caso dos dromedários que transportam um valioso carro de guerra, ou das azémolas que carregam o produto dos saques.

Os mamíferos selvagens, a maior parte animais valorizados pela nobreza nas caçadas, nomeadamente como destemidas presas, ocorrem no texto para referenciar as atitudes guerreiras das principais personagens, assumindo uma função marcadamente alegórica. Eles são os animais que apresentam um conteúdo simbólico-alegórico mais interessante. Os comportamentos em batalha dos heróis gregos e troianos são-lhes comparados, para enaltecer, mas também para criticar, as ações dos combatentes. Como refere Maria Isabel Rebelo Gonçalves, a propósito dos poemas homéricos, que se encontram na origem da narrativa da *Crónica*, “a audácia, bravura, destemor, persistência, vigilância e outras qualidades dos heróis homéricos são frequentemente descritos – tal como os respetivos defeitos e fraquezas – por meio de comparações ou símiles que os transformam, de simples abstrações, em algo de muito visível. Essas comparações reiteradamente baseadas nos comportamentos de irracionais, conseguem muitas vezes, dada a riqueza e precisão do seu conteúdo, ultrapassar o plano descritivo e adquirir sentido de avaliação dos referidos”<sup>209</sup>. Na *Crónica*, passasse-se o mesmo e os dois principais heróis dos lados troiano e grego, Heitor e Ulisses, mas também outros destacados guerreiros dos dois exércitos, surgem a combater com atitudes que o autor compara às das bestas bravas. E se muitas vezes são deste modo glorificados, nomeadamente quando comparados em bravura aos leões, o animal que por influência da herança da Antiguidade foi considerado o rei dos animais, ou a temíveis presas de caça, também são assinalados os excessos cometidos nas batalhas, em comparações menos abonatórias com os mamíferos selvagens. Estas também surgem quando são associados a animais que foram encarados negativamente pelos autores medievais, como o lobo, ou o cão raivoso. Realça-se ainda a presença do cervo com a função de animal psicopompo, o que se manifesta noutras obras da época, unindo o mundo do real e do quotidiano ao sagrado, possibilitando a perseguição ao animal a passagem do herói entre os dois mundos. É também ao grupo dos animais selvagens que o autor vai buscar o mais representado nos escudos heráldicos dos combatentes, o leão, seguindo-se em importância uma ave de rapina, a poderosa águia.

Como era próprio das novelas da época, o autor introduz os animais fabulosos e, tratando-se de uma obra de temática da Antiguidade, vai buscar a esta os seres híbridos e mitológicos que despertavam o interesse e a atenção dos leitores medievais, acentuando o autor a animalidade e as conotações negativas que a Idade Média lhes atribuiu. No caso do sagitário, o autor pormenoriza a descrição das características do feroz combatente, conotando-o com o mal. Refere mais genericamente as sereias, a quem atribui a perigosa capacidade de encantar os homens de Ulisses, e mencionam-se os grifos. Sendo uma obra adaptada ao gosto medieval, o maravilhoso da época também se encontra presente, como o insólito ser que habita o Paraíso terreno, e os que são originários das orlas do mundo conhecido, os do ainda muito desconhecido e mítico oriente, e os da zona mais quente da terra, onde os homens não sobrevivem, povoada de estranhos animais, entre os quais espantosas serpentes.

---

<sup>209</sup> Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol. 1, p. 7.

As aves são dos animais mais mencionados, mesmo mais do que os fabulosos, destacando-se o papel que adquire a águia, como sucedeu nas obras do período clássico, onde foi entendida como um símbolo do sagrado, tal como na Idade Média, e mensageira dos seres divinos. Depois, surge a palavra “ave” em contextos que se relacionam com a realidade, embora também seja assinalada uma ave fabulosa. As aves de caça são referidas uma vez, tratando-se de um anacronismo, pois a caça com aves de rapina não foi praticada na Antiguidade. Já os abutres são associados, juntamente com os cães, a mortes punitivas e desonrosas, desejadas para adversários e inimigos, obedecendo às conotações que adquiriram nas tradições clássica e medieval, onde foram associados à morte e ao consumo dos cadáveres. Os animais do quotidiano doméstico encontram-se presentes na *Crónica* embora num número mais baixo. O cão é o seu único representante e surge referido associado à caça, como animal de baixo valor, em comparação depreciativa para um comportamento de um herói, dado o simbolismo negativo que prevaleceu entre os clérigos no período medieval, a partir da herança bíblica, e como necrófago. Nas ações venatórias aparece com a designação de “sabujo”, surgindo valorizado como fiel coadjuvante dos caçadores. Finalmente, é relacionado com a morte, uma tradição que remonta a diversas culturas, como a da Antiguidade. Também acaba por ser lógica a presença dos animais de gado, necessários para abastecer as hostes durante o cerco.

Salienta-se ainda a presença de múltiplos animais na descrição da fabulosa câmara de Heitor, nomeadamente nas imagens dos pilares, onde criaturas estranhas e maravilhosas surgem figuradas. É neste espaço, que reenvia para o fantástico, que surgem as raças monstruosas que a Idade Média herdou graças à descrição e enumeração que deles fez Plínio, utilizando o autor animais para caracterizar atributos físicos ou comportamentais destes seres. O maravilhoso e inusitado manifesta-se preferencialmente do lado troiano, e é um herói da cidade que possui os fabulosos aposentos que o autor descreve. São também aliados dos troianos os que levam para as batalhas o sagitário e os combatentes com faces de grifos. Ao sabor do gosto da época, o autor elabora uma descrição enciclopédica do mundo, falando das partes que constituem a Terra, e nesta, menciona os confins do mundo conhecido, onde existem fabulosas e singulares animálias.

Surge a palavra “besta” para reportar animais específicos ou com o sentido geral de animal, servindo também para caracterizar a animalidade de seres híbridos e monstruosos, ou para referenciar o ser que habita no Paraíso terreno, associado a uma personagem oriunda da cidade sitiada, Briseide. Esta destaca-se ainda na obra pela descrição do seu manto, onde se encontram representados todos os animais do mundo. Também é uma das personagens de que o autor se serve para introduzir o tópico do amor cortês na *Crónica*, então em voga entre a nobreza, que constituía o principal público da obra, surgindo a temática associado a um animal, o cavalo, mais especificamente às montadas de Troilo e de Diomedes, que aparecem como móbil para o episódio. Aquiles é igualmente referenciado como amante de Políxena e é por comportar-se como um lobo esfomeado que perde a oportunidade de ficar com a amada. Sublinha-se deste modo a importância da presença dos animais na obra e das funções que nela adquirem, sendo que, em muitos casos, estas remontam à Antiguidade, encontrando-se já expressas nos originais que deram origem às narrativas presentes na *Crónica*. Por fim, os animais são referidos nas descrições dos fabulosos monumentos fúnebres dos heróis, surgindo os mais valo-

rosos neles representados para destacar as qualidades do falecido, ou para assinalar os insólitos materiais usados, como o mármore cuja cor não é igualada pelas das bestas, aves ou plantas.

Ao apontar as funções-simbólicas alegóricas dos animais no período clássico, pudemos constatar que coincidem muitas vezes com as que estes adquirem na *Crónica*, excetuando-se os híbridos, cuja comparação entre as suas representações clássicas e medievais nem sempre resulta clara, devido à especificidade que estes animais adquiriram no período medieval, e os cervos, pois a influência celta nas narrativas da Idade Média originou que nelas surgissem amplamente valorizados. As semelhanças devem-se sobretudo ao facto de tanto os poemas homéricos, como a *Crónica*, apresentarem temáticas típicas da épica, e da narrativa presente na segunda ser em parte inspirada pelos primeiros. Outra diferença regista-se no número de referências aos cavalos, pois os combates, descritos nas obras da Antiguidade e nas do período medieval, desenrolam-se de modo diferente. Porém, a importância que os cavalos em ambas adquiriram é semelhante, pois foram animais amplamente valorizados pelas elites guerreiras das duas épocas. Estamos, no entanto, ainda longe na narrativa das ricas e, por vezes, elaboradas simbologias animais que vão surgir nas novelas com a introdução da temática arturiana, onde o maravilhoso celta surge aliado ao cristão, para criar novos simbolismos aos seres naturais, como é o caso das peninsulares *A Demanda do Santo Graal* e o *Livro de José de Arimateia*.

## 12. Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- Almeida, Simone, F. G., *A Figura do Herói Antigo nas Crónicas Medievais da Península Ibérica*, dissertação de pós-graduação, S. Paulo: Faculdade de Ciências Sociais, U. E. P., 2010.
- Aristóteles, *Histoire des Animaux*, trad. De J. Tricot, 2 vols., Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1957.
- Barber, Richard e Riches, Anne, *A Dictionary of Fabulous Beasts*, Nova Yorke: Boydell and Brewer, 1986.
- Baratay, Eric, *Le Point de Vue Animal. Une Autre Version de l'Histoire*, Paris: Le Seuil, 2012.
- Beauvais, Pierre de, “Bestiaire”, em G. Bianciotto, G., *Bestiaires du Moyen Age*, s. l.: Éditions Stock, 1992.
- Bestiario medieval*, ed. de Ignacio Malaxecheverría, Madrid: Ediciones Siruela, 1986.
- “Bestiario Toscano”, em Santiago Sebastián, (ed.), *El Fisiólogo atribuido a san Epifanio. Seguido de El bestiario toscano*, Madrid: Ediciones Turo, 1986, pp. 1-54.
- Bestiary. English Version of the Bodleian Library, Oxford M. S. Bodley 764 With All the Original Miniatures Reproduced in Facsimile*, ed. de Richard Barber, Woodbridge: The Boydell Press, 1999.
- Bianciotto, Gabriel (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, Paris: Ed. Stock, 1992.
- Bichon, Jean, *L'Animal dans la littérature française aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> Siècles*, 2 vols., tese de doutoramento da Université de Paris, 1975.
- Braga, Isabel M. R. M. Drumond, “Carne e peixe: uma hierarquia de consumos alimentares” in Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga (coord.), *Animais e companhia na História de Portugal*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.

- Braga, Paulo Drumond, “Divertimento, utilitarismo e barbárie: a caça”, in Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga (coord.), *Animais e companhia na História de Portugal*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- , *História dos cães em Portugal: das origens a 1800*, Lisboa: Hugin Editores, 2000.
- Buquet, Thierry, “*Bieste à chief d’oliphant: L’anabulla dans la Chevalerie Judas Maccabée* (Paris, BnF, Fr. 15104) inspirée du *Liber de natura rerum* de Thomas de Cantimpré”, *Reinardus*, 30 (2019), pp. 24-46.
- , “Pour une histoire des animaux aquatiques des mers septentrionales”, Introduction: Actes du colloque de Cerisy (31 mai-3 juin 2017) in *Anthropozoologica*, Paris: Publications Scientifiques du Muséum, 2018.
- , Gauvin, Brigitte, Jacquemard, Catherine y Lucas-Avenel, Marie-Agnès (ed.), *Animaux aquatiques et monstres des mers septentrionales: imaginer, connaître, exploiter, de l’Antiquité à 1600*, Actes du colloque de Cerisy (31 mai-3 juin 2017) in *Anthropozoologica*, Publications Scientifiques du Muséum, 2018.
- Chambel, Pedro, “A representação medieval dos tempos troianos na versão galega da *Crónica Troiana* de Afonso XI”, *Medievalista*, 5 (2008), [em linha] disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA5/medievalista-chambel.htm>.
- , *A Simbologia dos Animais n.º “A Demanda do Santo Graal”*, Cascais: Patrimonia, 2000.
- , *Os animais na literatura clerical portuguesa dos séculos XIII e XIV: presença e funções*, dissertação de doutoramento em História Medieval, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2003 [em linha], disponível em <http://bestiarioportugues.blogspot.com/>.
- , “As Alegorias Animais do Corpo no Orto do Esposo” in A. I. Buesco, J. S. de Sousa, M. A. Miranda (coord.), *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*, Lisboa, Edições Colibri, 2006
- , “Marcas do Quotidiano nos Monumentos Funerários. A Representação de Animais na Tumularia Medieval do Entre-Douro-e-Minho”, *Medievalista*, 1 (2005) [em linha], disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA1/medievalista-tumularia.htm>.
- Charbonneau-Lassay, Louis, *El bestiario de Cristo. El simbolismo animal en la Antigüedad y la Edad Media*, 2 vols., Palma de Maiorca: Sophia Perennis, 2ª ed., 1997.
- Chevalier, Jean e Guerbraant, Alain, *Diccionario dos símbolos*, Lisboa: Editorial Teorema, s.d.
- Clark, Willene B. e McMunn, Meredith T. (eds.), *Beasts and Birds of the Middle Ages: The Bestiary and its Legacy*, Philadelphia: University of Pennsylvania, 1990.
- Corbechon, Jean, “Livre des Propriétés des Choses (Livre VIII)”, em Gabriel Bianciotto (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, s. l.: Éditions Stock, 1992, pp. 239– 261.
- Crónica troiana*, ed. de Ramón Lorenzo, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1985.
- Davy, Marie Madeleine, *Initiation à la Symbolique Romane (XII<sup>o</sup> Siècle)*, Paris: Flammarion, 1977.
- De Bruyne, Edgar, *Études d’esthétique médiévale*, 2 vols., Paris: Albin Michel, 1988.
- Deblaches, Lucille, *La Plume des Bêtes: Les Animaux dans le Roman*, Paris: Editions L’Harmattan, 2011.
- Delort, Robert, *Les animaux ont une Histoire*, Paris: Éd. Du Servil, 1984.
- Dherby, Gilbert Romeyer (dir.), *L’Animal dans l’Antiquité*, Paris: Librairie Philosophique J. Vain, 1997.
- Digard, Jean-Pierre, *Une histoire du cheval: art, techniques, société*, Arles: Actes Sud, 2004.

- Dubost, Francis, *Aspects Fantastiques de la Littérature Narrative Médiévale (XII<sup>o</sup> – XIII<sup>o</sup> Siècles). L'Autre, l'Ailleurs, l'Autrefois*, 2 tomes, Paris: Librairie Honoré Champion Editeur, 1991.
- Durand, Gilbert, *A Imaginação Simbólica*, Lisboa: Edições 70, 1985.
- “El Fisiólogo”, em Santiago Sebastián (ed.), *El Fisiólogo atribuido a san Epifanio. Seguido de El bestiario toscano*, Madrid: Ediciones Tuero, 1986, pp. 1-130.
- El Fisiólogo, bestiario medieval*, Barcelona: Ediciones Obelisco, 2000.
- Eliano, Claudio, *Historia de los Animales*, ed. de José Vara Donado, Madrid: Akal, 1989.
- Fernandes, Arminda Martins, *O Cavalo e o Cavaleiro Na Idade Média*, Dissertação de Mestrado, Braga: Universidade do Minho, 1999.
- Finazzi-Agrò, “Bestiários”, em G. Lanciani, G., G. Tavani *Dicionário da Literatura Medieval Portuguesa*, (dir.), Lisboa: Editorial Caminho, 1993, pp.83-85.
- Fournival, Richard de, “Le Bestiaire d’Amour”, em Gabriel Bianciotto, (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, s. l.: Éditions Stock, 1992, pp. 123-166.
- “Fisiólogo”, em Pseudo Aristóteles y Anónimo, *Fisiognomia. Fisiólogo*, ed. de Teresa Martínez Manzano y Carmen Calvo Delcán, Madrid: Editorial Gredos, 1999, pp. 135-227.
- García Gual, Carlos, *Primeras novelas europeas*, Madrid: Ediciones Istmo, 1974.
- García Martín, Ana María, *Cronica troiana em linguagem portuguesa. Edición y estudio*, Salamanca: Luso-Española Ediciones, 1998.
- George, Wilma e Yapp, Brunson, *The Naming of Beasts. Natural History in the Medieval Bestiary*, Londres: Duckworth, 1991.
- Godinho, Helder (ed.), *A imagem do mundo na Idade Média. Actas do Colóquio Internacional*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- Gonçalves, Maria Isabel D. S. R. *Imagens e símbolos animais na poesia greco-latina*, 2 vols., dissertação de doutoramento da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1983.
- Green, Miranda, *Animals in Celtic Life and Myth*, Londres: Routledge, 1993.
- Grimal, Pierre, *Dicionário da mitologia grega e latina*, trad. de Victor Jabouille, Algés: Difel, 3<sup>a</sup> ed., 1999.
- Guillaume le Clerc de Normandie, “Bestiaire Divin”, em Gabriel Bianciotto, (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, s. l., Éditions Stock, 1992, pp. 65-122.
- Gurévich, Arón, *As categorias da cultura medieval*, Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
- Hassig, Debra, *Medieval Bestiaries. Text, Images, Ideology*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- , (ed.), *The Mark of the Beast. The Medieval Bestiary in Art, Life and Literature*, Nova York; Londres: Garland, 1999.
- Historia troyana*, ed. de Kelvin M. Parker, Santiago de Compostella: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Instituto p. Sarmiento de Estudos Gallegos, 1975.
- García Huerta, María Rosario y Ruiz Gómez, Francisco (dirs.), *Animales simbólicos en la Historia, Desde la Protohistoria hasta en final de la Edad Media*, Madrid: Síntesis, 2002.
- Heinz-Mohr, Gerd, *Dicionário dos Símbolos. Imagens e Sinais da Arte Cristã*, São Paulo: Paulus, 1994.
- Houwen, L. A., *Animals and the Symbolic in Medieval Art and Literature*, Groningen: Egbert Farsten, 1997.
- Jauss, Hans-Robert, *Pour une esthétique de la réception*, Paris: Gallimard, 1978.
- Kappler, Claude, *Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Age*, Paris: Payot, 1980.
- Kiser, Lisa J., “Animals in medieval sports, entertainment and menageries”, em Brigitte Rest (ed.), *A Cultural History of Animals*, 6 vols., Oxford: Berg Publishers, 2007, vol. 2, pp. 103-225.

- Klingender, Francis, *Animals in Art and Thought to the End of Middle Ages*, Londres: Routledge and Kegan Paul Ltd., 1971.
- Köhler, Erich, *L'aventure chevaleresque. Idéal et réalité dans le roman courtois*, Paris: Gallimard, 1984.
- Krus, Luís, “Crónica”, em *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, G., Lanciani, G. Tavani (dir.), Lisboa: Editorial Caminho, 1993, pp. 173-175.
- Latini, Brunetto, “Livre du Trésor”, em Gabriel Bianciotto (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, s. l.: Éditions Stock, 1992, pp. 167-238.
- Le bestiaire*, ed. de Xénia Muratova y Daniel Poirion, Paris: Philippe Lebaud Éditeur, 1988, p. 89.
- Le bestiaire d'amour rimé. Poème inédit du XIII siècle*, ed. de Arvid Thordstein, Lund, Copenhagen: C. W. K., Gleeurup, Ejmar Munksgaard, 1941.
- Le bestiaire de Philippe de Thaün*, ed. de Emmanuel Walberg, Lund, Paris: H. J., Müller, H. Welter, 1900.
- Livro das Aves*, ed. de Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa: Edições Colibri, 1999.
- Livro das Aves*, ed. de Jacira Andrade Mota, Rosa Virgínia Matos, Vera Lúcia Sampaio y Nelson Rossi, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.
- Le Goff, Jacques, *O Maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*, Lisboa: Editorial Estampa, 1980.
- Lemos, Esther de, *A literatura medieval portuguesa. A poesia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- Lorenzo, Ramón, “Crónica troiana”, em Giuseppe Lanciani y Giulia Tavani (dirs.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 1993, pp. 192-193.
- , “Da *Iliada* à *Crónica Troiana*. A visión dos heroes e do mundo en que se moven, in *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de la Literatura Medieval*, V. Beltrán, (ed.), Santiago de Compostella, 1988.
- , “Geral Estoria”, em Giuseppe Lanciani y Giulia Tavani (dirs.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 1993, pp. 291-293.
- , “Introducción” in Ramón Lorenzo, (intro. e ed.), A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1985.
- Maçãs, Delmira, *Os animais na linguagem portuguesa*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 2010.
- Mariño Ferro, Xosé Ramón, *El simbolismo animal. Creencias y significados en la cultura Occidental*, Madrid: Ediciones Encuentro, 1996
- Martínez Pereiro, Paulo, *Natura das animalhas. Bestiário da lírica profana galego-portuguesa*, Vigo: Edicións a Nosa Terra, 1996.
- Martins, Mário, *Estudos de Cultura Medieval*, 3 vols. Lisboa: Editorial Verbo (vol. 1), Brotéria (vols. 2 e 3), 1969-1983.
- , *Estudos de literatura medieval*, Braga: Liv. Cruz, 1956.
- Mattoso, José, “Cavalaria”, em Giuseppe Lanciani y Giulia Tavani (dir.) *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 1993, pp. 152-153.
- , “Épica (Temas Épicas)”, em Giuseppe Lanciani y Giulia Tavani (dirs.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 1993, pp. 237-238.
- Medeiros, Ana, *Aspectos do bestiário no “Livro de José de Arimateia”*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 2003

- Mendes, Augusto de Carvalho, “Os animais nas *Cantigas de Santa Maria* (I)”, *Eikón Imago*, 8/2 (2015), pp. 15-166.
- Miquel, Pierre, *Dictionnaire symbolique des animaux. Zoologie mystique*, Paris: Le Léopard d’Or, 1991.
- Miranda, Adelaide e Chambel, Pedro (coords.), *Bestiário medieval. Perspetivas de abordagem*, Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, 2014 [em linha], disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12142/1/bestiariomedieval.pdf>.
- Morales Muñiz, Dolores Carmen, “Leones y águilas. Política y sociedad medieval a través de los símbolos faunísticos”, em María del Rosario García Huerta y Francisco Ruiz Gómez (dirs.), *Animales simbólicos en la Historia, Desde la Protohistoria hasta en final de la Edad Media*, Madrid: Síntesis, 2002, pp. 207-229.
- Nogales Rincón, David, “Representación animal y relaciones de poder en la Península Ibérica durante la Edad Media”, em María del Rosario García Huerta y Francisco Ruiz Gómez (dirs.), *Animales y racionales en la historia de España*, Madrid: Sílex Ediciones, 2017, pp. 251-288.
- Opiano, “De la Pesca”, em C. Délcan, (ed.), Opiano, *De la Caza, De la Pesca, Anónimo, Lapidario Órfico*, Madrid: Editorial Gredos, 1990, pp. 159-331.
- , “De la Caza”, em C. Delcán, (ed.), Opiano, *De la Caza, De la Pesca, Anónimo, Lapidario Órfico*, Madrid: Editorial Gredos, 1990, pp. 47-158.
- Pastoureau, Michel, *Une Histoire Symbolique du Moyen Âge occidental*, Paris, Éditions du Seuil, 2004.
- Pichel Gutiérrez, Ricardo, “La circulación de la materia de Troya en la Baja Edad Media y su reflejo en las letras gallegas: aproximación al testimonio de la *Historia Troiana*”, em Francisco Bautista Pérez y Jimena Gamba Corradine (eds.), *Estudios sobre la Edad Media, el Renacimiento y la temprana modernidad*, San Millán de la Cogolla: CiLengua; Salamanca: SEMYR, 2010, pp. 331-345.
- , “La eclosión de la materia clásica en las letras peninsulares bajomedievales. Compilaciones troyanas no autónomas”, *Scriptura*, nos. 23-24-25 (2016) [em linha], disponível em <https://www.raco.cat/index.php/Scriptura/article/view/314578/404747>.
- , “A fortuna de *Historia troiana* petrística (BMP ms. 558). Notas sobre a súa xénese, procedencia e vicissitudes”, *Madrygal: Revista de Estudios Gallegos*, 15 (2012), pp. 119-130.
- Pastoureau, Michel y Duchet-Suchaux, Gaston, *Le bestiaire medieval. Dictionnaire historique et bibliographique*, Paris: Le Léopard d’Or, 2002.
- Plínio, *Histoire naturelle. Livres VIII, IX, X XI*, ed. de A. Ernout, 4 Vols, Paris: Les Belles Lettres, 1947-1961.
- , *Natural History, Books III-VII*, trad. de H. Rackham, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Londres, 1999.
- Pollard, John, *Birds in Greek Life and Myths*, Londres: Thames and Hudson, 1977.
- Prieur, Jean, *Les animaux sacrés de l’Antiquité. Art et religion du monde méditerranéen*, Rennes: Ouest France, 1988.
- Ramón Pena, Xosé, *Literatura galega medieval. 1. A História*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco Ediciones, 1990.
- Ribémont, Bernard y Prévot, Brigitte, *Le cheval en France au Moyen Age*, Orléans: Paradigme, 1994.
- Rooney, Anne, *Hunting in Middle Ages Literature*, Cambridge: D. S. Brewer, 1993.
- Salisbury, Joyce E. (ed.), *The Medieval World of Nature. A Book of Essays*, Nova York; Londres: Garland Publishing Inc., 1993.

- Sevilla, Isidoro de, *Etimologías*, ed. de José Oroz Reta, Manuel Antonio Marcos Casquero y Manuel C. Díaz y Díaz, 2 vols., Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
- The Book of Beasts. A Latin Bestiary of the Twelfth Century*, ed. de T. H. White, Gloucestershire: Alan Sutton, 1992.
- Todorov, Tzvetan, *Teorias do símbolo*, Lisboa: Edições 70, 1979.
- Van den Abeele, Baudouin, *La fauconnerie au Moyen Age. Connaissance, affaitage et médecine des oiseaux de chasse d'après les traités latines*, Paris: Ed. Klincksieck, 1994.
- Varnadas, Angélica, *A voz nos bestiários. Ecos da raposa na literatura medieval inglesa*, dissertação de doutoramento da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 2003.
- Voisenet, Jacques, *Bestiaire chrétien. L'image animal des auteurs du Haut Moyen Age (V<sup>o</sup> – XI<sup>o</sup> s.)*, Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1994.
- , *Bêtes et hommes dans le monde médiéval: Le bestiaire des clercs du Ve au XIIIe siècle*, Turnhout: Brepols, 2000.

### 13. Anexos

#### Anexo 13.1. Numero de citações dos animais na *Crónica troiana*

Animal	Número de citações
Cavalo	341
Leão	23
Besta	18
Sagitário	14
Cão, Sabujo	13
Águia	11
Cervo, Veado	9
Palafrem	7
Ave	6
Javali	5
Serpente	5
Lobo	3
Urso	3
Vaca	2
Azémola	2
Animália	2
Abutre	2
Grifo	2
Gado	2
Falcão	1
Gavião	1
Açor	1

Dromedário	1
Sereia	1
Dragão	1
Vendialos	1
Ovelha	1
Galo	1
Alarião	1
Pescado	1

### **Anexo 13.2. Numero de citações dos animais por categorias na *Crónica troiana***

<b>Categoria de animal</b>	<b>Número de citações</b>
Animais de carga, transporte e guerra	354
Mamíferos selvagens	43
Aves	23
Animais fabulosos e híbridos	20
Animais domésticos	12
Gado	7
Répteis	5
Pescado	1